Valor
ECONÓMICO

25 de Janeiro 2021
Segunda-feira
Semanário - Ano 5
Nº243
Director-Geral
Evaristo Mulaza

ERNESTO MUANGALA, GOVERNADOR DA LUNDA-NORTE

"Os orgãos do Estado já realizaram o seu trabalho e não advertiram a responsabilização civil ou criminal do governador"

EXCLUSIVO. O responsável máximo na Lunda-Norte responde, em entrevista, sobre eventuais casos de favorecimento de empresas de funcionários do Estado, no âmbito do PIIM. Defende que os anos de guerra não podem ser contabilizados, no processo da governação e não tem dúvidas de que o MPLA ganharia todas as autarquias na província. Págs. 4 a 7

EXERCÍCIO DE 2021

Governo antecipa fortes restrições na regularização de atrasados

FINANÇAS PÚBLICAS. O departamento gerido por Vera Daves prevê regularizar atrasados na ordem dos 110 mil milhões de kwanzas, no segundo trimestre. Ainda assim, avisa que poderão ocorrer "fortes restrições" ao longo do ano, capazes de comprometer o ritmo de pagamentos entre Julho e Dezembro. Pág. 10

FORNECIMENTO DE GASÓLEO E GASOLINA

Contratos com a Trafigura e Totsa renovados sem novo concurso público

PETRÓLEO. A Trafigura e a Totsa Total-Total Oil Trading viram renovados automaticamente os contratos de fornecimento de gasóleo e de gasolina, extensão que interrompe o habitual concurso público cujo vencedor é conhecido no fim do contrato vigente. A Sonangol justifica-se com o contexto vivido em 2020. Pág. 12

OPINIÃO

António Vieira, ex-director da Cobalt Angola

Happy birthday, 'Luanda Leaks'

Pág. 21

DESCONFIANÇA EM ALTA

Empresa de água desiste de investir 10 milhões USD

Pág. 13

PROPOSTA EM 2 MESES

Entrada na ZCLA mantém empresários divididos

Págs. 8 e 9

RIL 4 a 22 Jan (milhões USD) **4**: 8.720,54 **8**: 8.577,72 **12**: 8.399,76 **18**: 8.402,84 **20**: 8.366,73 **21**: 8.384,50 **22**: 8.374,95

Editorial

ESTE PAÍS NÃO É DE IDIOTAS

É a experimentação da insanidade. Numa semana, o MPLA promove um 'debate' sobre o combate à corrupção e à impunidade, no Parlamento. E os seus deputados cantarolam que o projecto está a ser materializado pelo exemplo. Na outra imediata, o Governo celebra a entrega do terminal multiusos do Porto de Luanda, por 20 anos, a uma empresa envolvida em escândalos de corrupção nos quatro cantos do planeta. Repita-se: nos quatro cantos do planeta. Porque não é uma, não são duas, não são três nem quatro ocorrências. São muitos os casos que relatam o envolvimento da Dubai Ports World (DP World) em práticas de corrupção, subornos e lavagens de dinheiro em mais de meia dúzia de países. Nesta edição, depois de já o ter feito há duas semanas, o VALOR recorda alguns dos escândalos mais sonantes e divulgados por vários canais internacionais.

Dentro e fora de portas do continente africano, a lista de países é longa. Inclui o Iémen, Djibuti, Brasil, Senegal, Argélia, Ucrânia e passa pelos Estados Unidos. Na Argélia, por exemplo, o governo chegou a rasgar o contrato de concessão, depois de tornado público um caso de corrupção. E, no Senegal, o ex-ministro das Infra-estruturas Karim Wade foi condenado, por causa de negócios com a DP World, e hoje encontra-se exilado. Nos Estados Unidos, houve queixas de alegadas ligações da empresa ao radicalismo islâmico. E mais: Ahmed bin Sulayem, o sultão que lidera a empresa do Dubai, preside à Dubai Multi Commodities Centre (DMCC). A organização foi delatada, num relatório em 2020, como uma das maiores operadoras de lavagem de dinheiro no Dubai, especialmente nos circuitos de comercialização do ouro.

A descrição das acusações de práticas de corrupção, que envolvem a DP World, é fundamental no actual contexto político. Porque exemplifica, de forma definitiva, a falácia do alegado projecto de moralização da sociedade prometido por João Lourenço. Afinal, estando em marcha um suposto programa de combate cerrado à corrupção, uma empresa com a reputação da DP World jamais ganharia qualquer concurso público em Angola. A menos que houvesse um esclarecimento público e convincente que contradissesse as acusações espalhadas por vários países. E, como todos sabemos, isso não ocorreu. Pelo contrário, a imprensa do Governo decidiu dedicar metade dos noticiários a destacar apenas e exclusivamente as 'virtudes' da DP World. Um exercício de puro exorcismo, que se confundiu com o tempo de antena habitualmente dedicado às actividades do MPLA.

Além dos responsáveis da DP World, desfilaram pelos principais órgãos públicos vários membros do Governo a defender o negócio com a empresa árabe. Em coro, enfatizaram a promessa de manutenção dos empregos, o prometido investimento em infra-estruturas e as esperadas contrapartidas financeiras. Qualquer coisa acima dos mil milhões de dólares em duas décadas. No fundo, o mesmo ritual de 'xinguilamento' a que se assistiu por altura da adjudicação directa da refinaria de Cabinda ao universo da Gemcorp. A mesma organização que foi citada por jornais angolanos (Expansão e Novo Jornal) como tendo sido investigada por importações que chegavam ao país com preços quatro vezes superiores aos preços do mercado.

A mensagem fundamental, claro, apesar de contraditória e comprometedora, é clara. Quando se tratar de investidor estrangeiro relevante, as 'due dilligences' ficam proibidas e as denúncias de práticas lesivas na relação com agentes oficiais são ignoradas. Porque basta ser estrangeiro e grande para ser bom e fazer bem ao 'esforço' da atracção de investimento privado estrangeiro. Enquanto isso, combatem-se até à exaustão empresas e empresários angolanos com capacidade de investimento e de criação de emprego. Alguns dos quais acusados, com ou sem provas, de práticas semelhantes às que envolvem a DP Word pelo mundo.

Não, não é subjugação. Nem são dois pesos e duas medidas. É apenas a estupidez na sua forma mais sublime. Mas, não, este país não é de idiotas.

FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Redacção: Edno Pimentel, Emídio Fernando, Isabel Dinis, Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuesseca
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Paginação: Edvandro Malungo e João Vumbi

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló
Colaboradores: Cândido Mendes, EY e Mário Paiva
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 **Nº de Registo do MCS:** 765/B/15
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Geovana Fernandes
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
Nº de Contribuinte: 5401180721
Nº de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82
Endereço: Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola; 222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...

JORGE LEÃO PERES,
economista

Que impacto imediato poderá ter a subida do preço dos combustíveis, considerando as declarações do director-geral do Instituto Regulador de Petróleo que admite ajustamentos mensais?
O impacto é o reajuste dos preços dos transportes e o preço de quase tudo quer no mercado informal quer no formal.

Ou seja, a economia angolana não tem estofo para aguentar, é isso?
Temos de olhar esta questão por duas vertentes. Uma é a qualidade da oferta, porque os preços dos combustíveis estão muito abaixo, se comparados ao custo real com o resto do mundo. A outra é a procura, tendo em conta o nível de vida e o índice de preços praticados junto do público. Um aumento pontual vai afectar o nível de vida.

Acha que o Governo pode aguentar um pouco mais?
O Estado tem de continuar a suportar, porque, se não, teremos um descalabro social. Esse é o momento oportuno para o Governo racionalizar melhor os recursos.

18 SEGUNDA-FEIRA

O Banco Nacional de Angola revoga a licença do Banco Kwanza Investimento S.A. (BKI) por "insuficiência" de fundos próprios regulamentares, requisito necessário para a continuidade da actividade bancária.

19 TERÇA-FEIRA

O secretário de Estado para as Finanças e Tesouro, Osvaldo João, revela que o processo de privatizações dos activos do Estado no Banco BCI e na Ensa podem ser concluídos no primeiro semestre deste ano.

20 QUARTA-FEIRA

O ministro dos Recursos Minerais, Petróleo e Gás, Diamantino de Azevedo, anuncia que o Hotel Diamante, situado no Dundo, na Lunda-Norte, ficará sob gestão do Clube Desportivo Sagrada Esperança.

21 QUUITA-FEIRA

A ministra da Educação, Luísa Grilo, visita a fábrica de tablets e telemóveis Afrione, situada na Zona Económica Especial do Km 30, município de Viana, em Luanda.

22 SEXTA-FEIRA

O Ministério da Economia e Planeamento anuncia que vai financiar 270 filiados da confederação das Associações de Camponeses e Cooperativas Agropecuárias de Angola (UNACA) para alavancar a produção.

SÁBADO

Centenas de passageiros realizam testes pós-desembarque à chegada a Luanda, no aeroporto 04 de Fevereiro, medida que se tornou obrigatória.

DOMINGO

O coordenador da Comissão de Gestão da Unicargas, Joaquim Piedade, anuncia que a empresa projecta, para este ano, rentabilizar o seu terminal marítimo em Luanda, por via de assinaturas comerciais para novos negócios.

COTAÇÃO

PETRÓLEO SOBE, CONTRARIANDO ANALISTAS...

O petróleo iniciou a semana no verde, com o barril do Brent a disparar 0,79% para os 55,85 dólares, enquanto o WTI teve o preço a aumentar 0,92% para os 52,75 dólares. A tendência é contrária à previsão dos analistas que esperavam quebras devido ao aumento da oferta. O mesmo já aconteceu na última sexta-feira.

MERCADOS EUROPEUS NO VERMELHO...

O aumento do preço do petróleo, no entanto, não foi suficiente para contagiar as ações europeias. O Euro Stoxx 50 quebrou 1,3%, cotando-se a 3.550,86. Já o FTSE 100 caiu para 6.638,85, enquanto o CAC 40 (EU:PX1) quedou 1,57%. Na Itália, o BIT desvalorizou 1,6%, ao passo que, na Alemanha, o DAX fechou em baixa de 1,66%.

Entrevista

ERNESTO MUANGALA, GOVERNADOR DA LUNDA-NORTE

“Governamos poucos anos... não vamos contar os anos da guerra”

Em respostas por email, o governante atribui as diferenças dos custos das obras do PIMM às “especificidades regionais e locais”. Rejeita, em absoluto, ter negócios ilícitos, culpa as 'fakenews' de estarem a agitar o país e acredita que o MPLA venceria “em todos os municípios” na Lunda-Norte, caso as eleições autárquicas acontecessem este ano.

Por César Silveira

Mário Mujetes © VE

Comparações públicas dão conta de obras do PIIM na Lunda-Norte, sobretudo escolas, com custos duas ou três vezes mais altos do que projectos semelhantes em outras províncias. Consegue explicar esta disparidade?
Estas comparações são bastante relativas, pois é sabido que os custos são variáveis e dependem das especificidades regionais e locais. É imprudente comparar ou julgar custos de projectos quando não temos contacto real com os critérios gerais da sua concepção. Há que ter em conta os custos necessários para a execução de uma dada actividade ou projecto. Este procedimento implícito do PIIM inicia-se e termina pela supervisão de várias entidades da Administração Central e local do Estado. Todo este processo é precedido do desenvolvimento de um conjunto de demonstrações como as fichas de identificação do projecto e de análise custo benefício, estudo de engenharia, contratos de empreitada (construção), de fiscalização, de apetrechamento e a própria factura, sendo todos estes documentos remetidos para a Direcção Nacional de Investimento Público do Ministério das Finanças para devida avaliação e aprovação.

Na generalidade das províncias, as empresas queixam-se da morosidade nos pagamentos e do impacto da desvalorização da moeda na execução das obras do PIIM. Qual é a realidade na Lunda-Norte?
O país tem experimentado um período conturbado, provocando algum arrefecimento económico. No entanto, o governo da Lunda-Norte tem posto em prática acções com vista a atenuar ou amortecer os impactos da crise. Exemplo disso, podemos destacar os encontros de auscultação com as construtoras e fiscalizadoras no âmbito do PIIM, com intuito de fazer pontos de situação, recolher subsídios/contribuições, apreciar os constrangimentos e procurar soluções para suplantar os desafios. É crucial manter esta dinâmica de diálogo construtivo e sobretudo que a província esteja à altura de acompanhar a realidade social, económica e política de uma determinada comunidade e possa responder às exigências e desafios que aquela realidade coloca, ainda mais, em tempos de turbulência económica que certamente exige que o governo da Lunda-Norte não fique atrás.

Já houve correcções nos orçamentos por causa da desvalorização da moeda?
Até ao presente momento, não sucedeu. Porém, já foi um quesito manifestado por parte de algumas empresas nos encontros de auscultação.

E obras paralisadas por atraso nos pagamentos?
Até à presente data, não temos essas indicações.

Qual é o nível de execução, tanto física como financeira, das obras do PIIM?
A taxa de execução financeira rondará os 23%, enquanto a taxa de execução física se situará, em média, nos 34%.

Com que empresas a província está a contar para as empreitadas do PIIM? Qual é o nível de participação das empresas locais?
A Lunda-Norte procurou trabalhar de forma inclusiva. As empresas locais representam aproximadamente 45%, estando fixadas em todos os municípios que constituem a província.

Há informações de que, entre essas empresas, existem algumas que pertencem a quadros seniores da administração local. É verdade?
Os boatos estão presentes em todas as sociedades. Em muitos casos, são precedidos por rumores, por informações desconexas sobre uma situação, que 'pipocam' aqui e ali ou acolá e nem sempre têm fôlego de seguir adiante. Sinceramente, o Governo Provincial da Lunda-Norte está mais preocupado com os impactos económicos e sociais que estes projectos irão proporcionar à vida das populações.

Está a admitir a possibilidade de contratação de empresas com ligações a pessoas do governo provincial?
O Governo Provincial da Lunda-Norte deverá incutir mais energia no que é essencial para a

"O país tem experimentado um período conturbado, provocando algum arrefecimento económico. No entanto, o governo da Lunda-Norte tem posto em prática acções com vista a atenuar ou amortecer os impactos da crise."

comunidade, contribuindo para políticas mais realistas e para as reformas de que o país carece, num clima de estabilidade social.

A estrada que liga Xamuteba ao Chitato continua a ser uma das maiores preocupações. A Macon deixou de viajar por causa desta estrada, com cerca de 26 quilómetros que faltam. O que falta para a sua conclusão?
Continuamos a envidar esforços junto do Ministério das Obras Públicas e Ordenamento do Território para que os 26 Km em falta dos 540 Km sejam concluídos até ao final do ano. Todavia, existe uma empresa que continua a operar no terreno. O troço é complexo, apresenta desafios de especialidade técnica de engenharia.

E qual é o 'feedback' do Ministério à possibilidade de concluir as obras ainda este ano?
Tem sido positivo. Além de reconhecer a necessidade de ajustar alguns aspectos, julga indispensável concluir a obra. Naturalmente, no âmbito das competências do Ministério, as prioridades de infra-estruturação do território colocam-se nas ligações rodoviárias da rede primária e na articulação com as províncias e municípios para o desenvolvimento das vias secundárias e terciárias. Logicamente, o Executivo quer que estas soluções sejam aplicadas e auxiliem a circulação das populações e dos bens.

Há também a estrada Cuango--Cafunfo. As pessoas levam sete a oito horas para fazer este troço...
O município do Cuango chegou a inscrever um projecto estruturante como o de terraplanagem na ligação Cuango, Cafunfo e Loremo (200km). Estamos convictos de que conseguirá minorar constrangimentos e vai melhorar exponencialmente o bem--estar das populações locais. Aguarda-se apenas pela validação dos processos de adjudicação da empreitada.

A população acredita que o governo, e mais concretamente o governador, não dá a devida atenção a esta obra porque tem alternativa. Usa uma via considerada privada, construída pela Sociedade Mineira do Cuango…

Mário Mujetes © VE

Simplesmente, não é verdade. Esta obra faz parte do leque dos projectos prioritários do município do Cuango no âmbito do PIIM e, naturalmente, devido à sua especificidade, requer o cumprimento de procedimentos administrativos nos termos da legislação em vigor. Um deles diz respeito à fiscalização preventiva do Tribunal de Contas. Esta mesma fiscalização é exercida através da recusa ou da declaração de conformidade. Este quesito já foi ultrapassado com êxito em Dezembro do ano passado. Aguardamos a apreciação da Direcção Nacional de Investimento Público (DNIP) do Ministério das Finanças, mas estamos convictos de que brevemente obteremos boas notícias. Em ofício à Administração Municipal do Cuango, a DNIP comunicou a disponibilização da primeira prestação da obra da estrada Cuango/Cafunfo/Luremo até à fronteira com a RDC. Em Fevereiro deste ano, os trabalhos poderão começar.

O MPLA venceria em todos os municípios, pelo apoio que goza na Lunda-Norte e ainda mais pelo histórico eleitoral dos períodos de 1992, 2008, 2012 e 2017.

O gradualismo seria o mais sensato, visto que é necessário reunir todas as condições indispensáveis. Contudo, vamos aguardar serenamente para a sua materialização, porque importa salientar que há ainda um caminho importante a fazer

A falta de energia eléctrica é outra grande preocupação. No caso do Dundo, por exemplo, sabe-se que, nos últimos dias, se vive uma escuridão quase absoluta. É um problema que estará resolvido apenas com a conclusão da Barragem de Luachimo, prevista para este ano ou há soluções para o imediato?
A conclusão da obra de Construção da Barragem Hidroeléctrica do Luachimo irá colmatar algumas carências no acesso à energia eléctrica. Todavia, enquanto durarem as obras, além do grupo gerador já em funcionamento, está em curso a montagem de uma central térmica com capacidade de 30 megawatts, no sentido de descongestionar a rede, visto que tanto o Dundo como a Centralidade do Mussungue estão a ser alimentados pelo mesmo grupo de geradores.

A inauguração da barragem acontece ainda este ano?
Aguardamos por esse êxito. Tudo está a ser feito para que a sua conclusão, no presente ano, ou no segundo trimestre de 2022.

Se as eleições autárquicas acontecessem este ano, acredita que o MPLA, na Lunda-Norte, venceria?
A organização política ou as candidaturas que sejam capazes de ser mais esclarecedoras, que consigam apresentar um programa credível, capaz de resolver as grandes questões que vão ao encontro das aspirações da população, serão com certeza as mais premiadas em termos eleitorais. O MPLA, partido do qual pertenço, trabalha arduamente para conquistar e preservar a confiança dos seus eleitores e sobretudo para a construção de um quadro democrático estável e livre de participação eleitoral. Naturalmente, o MPLA venceria em todos os municípios, pelo apoio que goza na Lunda-Norte e ainda mais pelo histórico eleitoral dos períodos de 1992, 2008, 2012 e 2017, em que o MPLA na Lunda-Norte venceu em todos os municípios, 4-1, 5-0, 5-0 e 4-1, respectivamente.

Mas estamos a falar de tempos diferentes. Por exemplo, o combate à corrupção está claramente a beliscar a coesão no seio do MPLA diz-se também que vai enfatizando o mal que o MPLA provocou durante anos…
Não partilho integralmente dessa opinião. É sabido que, desde cedo, foi assumido que o combate à corrupção fazia parte das políticas estratégicas inscritas no plano de governação no período 2017-2022, o qual foi sufragado por milhões de cidadãos nacionais e, consequentemente, outorgaram a vitória das eleições ao partido mais votado.

Continuação na página 6

Entrevista

Continuação da página 5

Mário Mujetes © VE

O MPLA mantém a sua firmeza, consistência e coerência na satisfação das aspirações mais profundas do povo angolano. Nos dias de hoje, debatemos sobre temas relacionados com a corrupção e impunidade como há dias, no Parlamento, numa iniciativa do grupo parlamentar do MPLA, revelando uma grande abertura e dinamismo por parte do partido, bem como a expressão de uma grande capacidade de leitura dos acontecimentos e, verdadeiramente, do passado, presente e futuro.

Estão todos os municípios da província em condições para terem autarquias ou o gradualismo é necessariamente a melhor opção?
O gradualismo seria o mais sensato, visto que é necessário reunir todas as condições indispensáveis. Contudo, vamos aguardar serenamente para a sua materialização, porque importa salientar que há ainda um caminho importante a fazer com todo o enquadramento legislativo e financeiro que deve estar assente em pressupostos essenciais.

O senhor foi muitas vezes acusado de reprimir direitos fundamentais das populações, no caso concreto, o direito à manifestação e à greve…
Factos são factos e contra factos não há argumentos. Quem nos tem acusado não tem rosto? Não tem nome? Com certeza que não conhece Angola e muito menos a Lunda-Norte. Esta é das províncias que assinalou mais greves e paralisações nos projectos mineiros e no sector da educação e o mesmo acontece com as manifestações pacíficas, reclamando emprego, a subida de preço dos bilhetes da TAAG e de apoio ao Executivo angolano e ao Presidente João Lourenço. Por isso não corresponde à verdade e não devem basear-se no 'ouvir dizer', ou burburinho, etc, etc. Talvez os senhores só considerem greves e manifestações as que resultam em actos de vandalismo ou de mortes que, graças a Deus, na nossa província nunca teve esse desfecho.

Todos governamos o nosso país há poucos anos, é fundamental enfatizar os anos da paz, não vamos contar os anos da guerra. Como vê, são poucos e não estamos cansados.

O investimento que posso e xibir é o facto de me ter predisposto ao serviço de causas nobres.

Qual é a relação que tem com os membros do Movimento do Protectorado Lunda-Tchokwe?
Nenhuma. Desconheço esse movimento.

Não é uma resposta para evitar falar do assunto. Ou, como se diz, 'tapar o sol com a peneira'?
Obviamente, é a sua apreciação!

De acordo com o INE, a Lunda-Norte foi a província onde se registou o maior aumento de preços em Dezembro com uma variação de 2,31%. Não estamos perante um contrassenso se considerarmos os últimos discursos do governo local, segundo os quais a província vive maioritariamente da agropecuária e já não faz recurso à importação fronteiriça?
O Programa de Apoio à Produção, Diversificação das Exportações e Substituição de Importações (Prodesi) visa acelerar a diversificação da economia nacional, com foco no fomento de produções e de fileiras exportadoras em sectores não petrolíferos e em fileiras com forte potencial de substituição de importações. Ao nível da província, auguramos que as medidas deste programa possam melhorar de forma transversal o ambiente de negócios e sobretudo promova a produção das fileiras prioritárias e dos bens da cesta básica de forma a estimular progressivamente o mercado interno e assim contribuir para a diversificação da estrutura económica.

Até ao ano passado, contabilizavam-se 18 candidaturas a créditos bancários no âmbito do Prodesi na província, mas apenas uma tinha beneficiado de crédito. Mesmo com este saldo negativo, acredita que o Prodesi vai impulsionar a diversificação económica na Lunda-Norte?
O Prodesi foi desenhado com um foco específico. Evidentemente, é necessário desenvolver acções que sustentem a sua materialização, desde estabelecer um enquadramento que incentive a criação de produtos financeiros, isto é, créditos, garantias ou seguros nos sectores da banca ajustados às necessidades dos operadores e com participação activa dos demais quadrantes interessados dos respectivos sectores.

"Tornemos a Lunda-Norte mais brilhante do que os diamantes." Essa frase é atribuída ao senhor governador na sua posse. Qual é o balanço que faz desde então? Está a conseguir dar este brilho à província?
Durante esse período, ocorreram diversas circunstâncias que acabaram de certa forma por impactar todo um plano de governação e obrigou-nos a delinear um conjunto de ajustamentos em vários domínios para colocar as melhores respostas possíveis. Não precisamos de ir muito longe. Hoje estamos perante um dos maiores eventos e desafios das nossas vidas, estamos a combater um inimigo invisível. O próprio diamante também passa por um processo de produção que tem vários estágios, isto é, inicialmente surge na natureza, é garimpado ou procurado entre pedaços de rochas, é lavado e separado até ficar somente as pedrinhas chamadas de diamante bruto. Nesta fase, já se destaca das outras pedrinhas pela sua característica mais brilhante, mas ainda não está pronto, ou seja, precisa ser lapidado.
O que quer dizer?
É crucial entender que os governos

“O MPLA mantém a sua firmeza, consistência e coerência na satisfação das aspirações mais profundas do povo angolano. Nos dias de hoje, debatemos sobre temas relacionados com a corrupção e impunidade.”

locais desempenham hoje, mais do que nunca, um papel de catalisador no processo de desenvolvimento local, em virtude da sua proximidade aos cidadãos e da capacidade de mobilização dos actores locais. Afirmar que o reforço da competitividade de um território assenta precisamente na capacidade de definição de estratégias participadas e com elevado sentido colectivo. Estamos perante um processo que é contínuo e, claramente, passa pelos seus diversos estágios naturais. Por outras palavras, o caminho faz-se caminhando.

É governador da Lunda-Norte há vários anos. Tempo suficiente para provavelmente, considerando o contexto do passado, ter cometido erros que hoje podem ser usados para, por exemplo, acusarem o senhor de eventuais crimes económicos...
Obviamente que todos nós cometemos erros em algum momento das nossas vidas. Nenhum homem é blindado de falhas, porém o importante é saber lidar e tirar maior proveito dessas situações, aprendendo com essas falhas. Contudo, os órgãos do Estado já realizaram o seu trabalho inspectivo e de auditoria no Governo Provincial da Lunda-Norte, refiro-me ao IGAE por três vezes (2011, 2015 e 2018) e Tribunal de Contas (2018) e, nos despachos finais, não advertiram a responsabilização civil ou criminal do governador e dos seus colaboradores. Quero destacar também aqui as visitas dos deputados e dos auxiliares do titular do poder executivo. Lamentavelmente, hoje vivemos de 'fakenews', e da sua disseminação. Há quem acredite ser impossível. Este pensamento visa dividir-nos, procura agitar os nossos cidadãos, mas não vão conseguir, somos fortes e estamos unidos em torno do nosso líder, João Lourenço. Todos governamos o nosso país há poucos anos, é fundamental enfatizar os anos da paz, não vamos contar os anos da guerra. Como vê, são poucos e não estamos cansados. Deixem, por favor, de instigarem factos que não existem, pela circunstância deste ou daquele cidadão ter integrado o Executivo ou um governo provincial.

No passado, quando determinados órgãos e pessoas denunciavam casos de corrupção, várias vozes no seio do MPLA também consideravam tratar-se de 'fakenews' e defendiam o ex-Presidente José Eduardo dos Santos. Mas hoje é o próprio MPLA a fazer eco dos casos de corrupção...
O MPLA é um partido dinâmico, profundamente enraizado no seio do povo, um partido em constante transformação de modo a adaptar-se às condições objectivas e subjectivas prevalecentes nas várias fases e etapas da luta de emancipação e prosperidade do povo angolano. Relembrar ainda que foi o MPLA que se apresentou perante a população angolana sob o lema: “melhorar o que está bem, corrigir o que está mal”.

“Se o combate à corrupção fosse feita de forma séria ninguém no MPLA escaparia”. É uma frase diversas vezes dita e por diversas pessoas. Qual o comentário que faz?
É completamente estapafúrdia.

Diz-se que todos os membros seniores do MPLA são políticos e empresários. É o caso do senhor governador?
Penso que a minha biografia fala por si.

Deixem, por favor, de instigarem factos que não existem, pelo circunstância deste ou daquele cidadão ter integrado o Executivo.

É médico, tem investimentos no sector da saúde?
Isso é uma ideia descabida. O investimento que posso exibir é o facto de me ter predisposto ao serviço de causas nobres. A multiplicidade e variedade das experiências profissionais vividas por mim e o contingente das perspectivas necessariamente suscitadas ofereceram-se, desde logo, como as contribuições mais promissoras para uma tarefa de todos e cujo interesse foi sempre no sentido de melhor interpretar e satisfazer as mais profundas aspirações da comunidade.

PERFIL

De 59 anos de idade, Ernesto Muangala é natural de Cambulo, Lunda-Norte, província da qual é governador em Maio de 2008, depois de ter sido assessor do governador provincial da Lunda-Norte para os Assuntos Sociais (2001) e ainda director-geral do Hospital Provincial da Lunda-Norte (1994/200). É licenciado em Medicina pela Universidade "N.I. Perogova” de Vennitsz Ucrânia, antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, U.ICS.S e pós-graduado em Administração Hospitalar e do Sistema de Saúde na Fundação "Getúlio Vargas” Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, Brasil.

Mário Mujetes © VE

No âmbito do combate e controlo da covid-19, manifestou-se, muitas vezes, preocupado com o controlo das fronteiras. Qual é a realidade actual?
Atendendo à avaliação da situação epidemiológica do país, é primordial garantir a segurança interna através de medidas adequadas que contenham as possíveis linhas de contágio, entre as quais, o próprio controlo da circulação de pessoas nas fronteiras. Não esqueçamos que a província da Lunda-Norte tem uma fronteira terrestre bastante extensa com a RDC e faz parte do eixo rodoviário que liga a capital do país, naturalmente, tem sido importante redobrar as medidas de prevenção ao longo das fronteiras, bem como as campanhas de sensibilização e mobilização da população para o uso obrigatório de máscaras e a lavagem regular das mãos com água e sabão. No entanto, podemos avaliar a situação num patamar de risco alto moderado, pois é necessário prudência, equilíbrio e coesão em torno um desígnio consensual, promovido por uma comunicação eficaz para os diversos grupos-alvo da população. Não podemos é cair num relaxamento de medidas, caso contrário, aumentaria a probabilidade de transmissão da covid-19.

Obviamente que todos nós cometemos erros em algum momento das nossas vidas. Nenhum homem é blindado de falhas, porém o importante é saber lidar e tirar maior proveito dessas situações, aprendendo com essas falhas.

A dotação orçamental prevista para a Lunda-Norte no OGE 2021 é de pouco mais de 50.601 milhões de kwanzas. Este valor vai ao encontro da pretensão do governo da província?
Em 2020, a economia nacional voltou a registar um declínio na sua actividade e a pandemia da covid-19, cujo efeito sobre a economia nacional se agravaria se não tivesse havido a pronta intervenção do Executivo, ao implementar medidas económicas contingenciais que concorreram para o alívio do impacto. No caso da Lunda-Norte, procurou-se trabalhar neste processo de forma peculiar, tendo em conta as incertezas sobre a pandemia da covid-19, mas também considerando alguns indicadores internos ao nível da província. Podemos salientar que foi o orçamento possível e o desafio que se instala a todos nós está interligado com uma racionalidade que permita uma melhor gestão dos dinheiros públicos de forma eficiente.

Para 2020, a dotação prevista era de pouco mais de 50.313 milhões de kwanzas. Qual foi a taxa de execução efetiva?
Situou-se aproximadamente nos 90,54%.

E a previsão de receita local era de mais de 541 milhões de kwanzas. Qual foi o nível de sucesso?
Superou esse montante numa grandeza de quase 300%. Não esqueçamos que o OGE desse exercício económico foi revisto ao abrigo da Lei nº 31/20 de 11 de Agosto.

ADESÃO À ZONA DE COMÉRCIO LIVRE CONTINENTAL AFRICANA

Angola prevê apresentar oferta tarifária em 60 dias

COMÉRCIO. É considerado oficialmente um passo para a plena adesão de Angola ao mercado africano, mas há empresários que, para já, 'torcem o nariz' à ZCLA. Antevendo "fracasso", argumentam, por exemplo, com a falta de preparação dos países africanos. Há, entretanto, os mais optimistas que acreditam no sucesso das trocas comerciais intra-africanas.

Por Júlio Gomes e Isabel Dinis

Angola prevê apresentar, dentro de dois meses, a sua proposta de oferta tarifária à Zona de Comércio Livre Continental Africana (ZCLA), que arrancou dia 1 deste mês, com o objectivo de impulsionar as trocas comerciais.

A oferta tarifária já está elaborada e encontra-se na fase de divulgação, de modo a obter-se "maior consenso nacional", como garantiu ao VALOR o responsável do departamento de intercâmbio do Ministério da Indústria e Comércio, Alcides Luís, que aponta a necessidade do contributo do sector privado, antes da aprovação do Governo.

Com o desmantelamento progressivo da pauta aduaneira na mira, os países que ratificaram o acordo deverão liberalizar até 97% das linhas pautais, quando a Zona de Comércio Livre Continental atingir à maturidade. E o processo deverá obedecer a uma categorização de produtos.

A primeira corresponde a 90% das linhas tarifárias relacionadas com produtos não sensíveis. Já a segunda categoria, que corresponde a produtos sensíveis, será de 7%, ao passo que a terceira abarca o conjunto de produtos de exclusão, que correspondem a 3% da linha tarifária.

ANGOLA NA ZCLA SEM UNANIMIDADE

A entrada de Angola na ZCLA não recolhe unanimidade junto de empresários. Os mais optimistas entendem que "devemos avançar, porque o caminho se faz caminhado". Outros não vêem o país preparado.

Filomena Oliveira, que sempre esteve na 'linha da frente' na abordagem do tema, é mais crítica e entende que, em Angola, há uma dificuldade que tem que ver com a "política externa, que nunca está alinhada com a política interna".

Oferta tarifária está elaborada, estando em fase de divulgação

Mário Mujetes © VE

A empresária considera que "a Aipex tem de fazer mais", ao mesmo tempo que se deve "ter uma estratégia assente nas vantagens comparativas". "Para não fazermos o mesmo que os outros, mas, antes, ver o que eles precisam e podemos produzir aqui e em que tempo", argumenta, sugerindo que os empresários se engajem em cooperativas para direccionar a produção para o mercado interno e externo.

Oliveira lamenta, por outro lado, que haja "muitos estudos dispersos", levando a que "andemos muito desencontrados, sem objectivos claros, o que se leva a que se perca muito tempo com assuntos desnecessários".

Com a adesão à ZCLA, Filomena Oliveira sugere a construção de uma ponte sobre o rio Chiloango, em Cabinda, para a entrada na região centro-norte, um projecto que, de resto, já tinha sido previsto pelas autoridades coloniais, em 1925.

A empresária, porém, é contrariada por Sérgio Calundungo, membro do Conselho de Concertação Económica e Social, que acredita no projecto comum e desvaloriza a ideia de Angola não estar preparada. "O caminho faz-se caminhando, tivemos o mesmo tempo que os demais para estar, e se não estamos agora é por falha."

O empresário Domingos David, por seu lado, acredita que a adesão à ZCLA "pode impulsionar a internacionalização das micro, pequenas e médias empresas que representam 80% da empregabilidade no continente", mas, para se atingir esse objectivo, considera "crucial o aumento da produtividade e da qualidade dos produtos, ao mesmo tempo que se deve potenciar o corredor do Lobito e a melhoria das estradas para o escoamento da produção".

MUITAS DEBILIDADES

O economista Samuel Muecália Felino identifica muitas debilidades, "por termos uma economia pouco diversificada assente num único produto de exportação, o petróleo". "Não temos uma produ-

EM MAIS UMA contratação simplificada, Presidente da República autoriza despesa de 3,7 milhões de dólares para consultoria visando o processo de organização e funcionamento da Agência Reguladora de Certificação de Carga e Logística de Angola, bem como da Rede Nacional de Plataformas Logísticas.

Números da ZCLA

55 Países membros

1,2

Mil milhões de consumidores

PIB

Do Continente:
2.500 mil milhões USD

60%

Estimativa do aumento do comércio inter-africano

97%

Taxa de linhas pautais que os membros deverão liberalizar quando o acordo atingir a maturidade

ção capaz de inundar o mercado interno. As empresas estão a falir, o que vamos impor no mercado comum africano?", questiona-se, antevendo "um fracasso".

Ainda mais pessimista está Fidelino Queiroz que diagnostica falta de preparação a quase todos os países africanos. "A maioria dos 55 países do continente não está preparada", detalha, exemplificando com o caso concreto do país. "Angola não vai longe, porque tem um tecido empresarial muito débil, que não evoluiu, em que o comércio é totalmente dominado por estrangeiros, assim como o sector industrial. Já o tecido empresarial agrícola tem um índice maior de nacionais, mas é desprezado em benefício da agricultura familiar", observa. "Se nem sequer a nível da SADC se conseguiu instalar o livre comércio nem sequer funciona a livre circulação de pessoas e bens, como se fará isso a nível de todo o continente?", interroga-se.

MAIOR MERCADO DO MUNDO

A ZLCA abrange um universo de 1,2 mil milhões de consumidores e tem potencial para se constituir o maior mercado do mundo. Os 55 Estados membros da União Africana (UA) representam um produto interno bruto de 2.500 mil milhões de dólares.

Lançada no Níger, em 2019, na 12ª Cimeira da UA, a iniciativa deve "colaborar para promover a paz e a prosperidade do continente", defendeu o chefe de Estado nigerino. Mahamadou Issoufou entende ser "o maior evento histórico no continente africano desde a criação da OUA (Organização para a Unidade Africana), em 1963".

O presidente do Níger foi o primeiro a assinar o acordo, seguido do líder do Ruanda, Paul Kagame, e de Idriss Deby, antecessor de Kagame, na presidência da UA.

João Lourenço foi o quarto, tendo considerado o acordo "uma vitória da persistência e da acção empenhada que criou a Comunidade Económica Africana", acto marcado por "muitos desafios, sucessos e insucessos no caminho da integração económica, social e cultural das respectivas comunidades económicas regionais e do continente em geral".

O chefe de Estado angolano manifestou-se esperançado no êxito da ZCLA, apontando como exemplo de contributo concreto de Angola ao projecto a reabertura do Caminho-de-Ferro de Benguela, que deve impulsionar o escoamento de mercadorias entre Angola e os países vizinhos, como a RDC e a Zâmbia. A UA estima que, a longo prazo, a ZCLA poderá aumentar em 60% o comércio dentro de África.

EMPRESA ACUSADA DE ACTOS DE CORRUPÇÃO EM VÁRIOS PAÍSES

Porto de Luanda nas mãos da DP World

Por Emídio Fernando

Depois de ter vencido o concurso público, com o anúncio feito em Dezembro, a DP World assinou, esta segunda-feira, o acordo que lhe permite gerir o terminal multiusos do porto de Luanda nos próximos 20 anos. Na assinatura do contrato, a empresa portuária do Dubai, uma das maiores do mundo, pagou ao Estado 150 milhões de dólares, revelou João Fernandes, coordenador da Comissão de Avaliação, criada pelo Ministério dos Transportes.

O acto público da assinatura do acordo contou com a presença de Ahmed bin Sulayem, um sultão dos Emirados Árabes Unidos e que lidera também a DMCC (Dubai Multi Commodities Centre), o maior entreposto comercial da região, sobretudo virado para operações portuárias e para circulação de bens que abastecem a região e as refinarias. Pelo lado angolano, assinou o PCA do Porto de Luanda, Alberto Bengue, sob supervisão do ministro dos Transportes, Ricardo Viegas de Abreu.

Durante ainda este ano, a DP World terá de desembolsar, no total, 400 milhões de dólares, no final de 20 anos, compromete-se a entregar ao Estado mil milhões de dólares, valor da concessão exigido pelo Ministério dos Transportes.

A empresa do Dubai foi, com outras duas operadoras, finalista do concurso lançado em Julho do ano passado e que teve o epílogo em Dezembro.

Apesar de ser considerada uma das cinco maiores operadoras mundiais em gestão de portos, a DP World não tem escapado a muitas acusações de práticas de corrupção e suborno, um pouco por todo o mundo. Recentemente, o VALOR publicou as muitas operações que resultaram em julgamentos e quebra de contratos da empresa do Dubai, no Iémen, Djibuti, Brasil, Senegal, Argélia, Ucrânia e EUA, em que a DP World respondeu a acusações de corrupção, suborno e lavagem de dinheiro. Nos EUA, resultou num escândalo maior que até envolveu a Câmara dos Representantes e George W. Bush, na altura presidente do país. A DP World chegou a ser acusada de ter ligações com radicais islâmicos, depois de ter obtido a gestão de 16 portos no país, entre os quais alguns dos maiores do mundo.

Os mais controversos casos aconteceram em África. O governo argelino rasgou o contrato de concessão, depois de ter descoberto um caso de corrupção que envolvia o presidente da Autoridade Portuária. No Senegal, por causa dos negócios com a DP World, o ex-ministro das Infra-estruturas, Karim Wade, foi condenado a prisão efectiva e hoje vive exilado, não obstante ser filho do antigo presidente Abdoulaye Wade.

A DP World surge ainda na mega-investigação denominada Panama Papers, que envolveu os principais jornais do mundo e que detectou branqueamento de capitais, através das empresas em offshore do Panamá.

A gestão do terminal do Porto de Luanda dá também a oportunidade da DP World entrar na costa oeste de África, abrindo assim caminho a negócios pela África do Sul e Namíbia, além da República do Congo.

A empresa compromete-se, além de pagar o valor da concessão, a fazer investimentos nas infra-estruturas, a recuperar e adquirir equipamentos e a construir uma plataforma que permita a circulação de 700 mil contentores por ano.

OURO DE CONFLITO

O líder da operadora do Dubai, Ahmed bin Sulayem, é também presidente executivo da DMCC, que surge num relatório, publicado no ano passado, como uma das maiores operadoras de lavagem de dinheiro do Dubai. De acordo com o relatório de 148 páginas 'O papel do Dubai na facilitação da corrupção e dos fluxos financeiros ilícitos globais", elaborado por diversas organizações que lutam pela transparência financeira e a boa governação, a DMCC surge como uma das maiores empresas de lavagem de dinheiro, em particular, no comércio do ouro. A DMCC tem o exclusivo, atribuído pelos Emirados, no entreposto de ouro que chega ao Dubai e segue para o resto do mundo. Os relatores apontam que a DMCC exige apenas um único formulário na alfândega, que legaliza o ouro. O documento nem exige informações sobre a origem do ouro e regista o produto como "sucata". É assim que os investigadores concluem que o ouro do Uganda, RDC e do Sudão do Sul, entre outros, circulam pelo Dubai e chegam aos restantes postos, em especial, nos países árabes e do Médio Oriente. Em 2016, mais de 46% do ouro provinha de países em conflito. Só em 2018, a DMCC acolheu mais 1.868 empresas, registando um crescimento superior a 12%.

Economia/Política

REGULARIZAÇÃO DA DÍVIDA

Governo desembolsa 63 mil milhões Kz

FINANAS PÚBLICAS. Departamento de Vera Daves prevê, no segundo trimestre, eliminar 110 mil milhões de kwanzas de dívida pública, mas antecipa "fortes restrições no decurso do ano", que podem afectar o ritmo de pagamento dos atrasados.

Por Júlio Gomes

O Governo desembolsou, no global, 63 mil milhões de kwanzas em atrasados no primeiro trimestre de 2020. O valor é repartido por 21 acordos de regularização de dívida inscrita no Sistema Integrado de Gestão Financeira do Estado (Sigfe), estabelecidos entre o Ministério das Finanças (Minfin) e as empresas credoras, no montante de 41 mil milhões de kwanzas; um acordo de regularização de dívida não registada de 544 milhões e o pagamento de 2.675 ordens de saque de anos anteriores, também inscritas no Sigfe, no valor 21 mil milhões e 223 de kwanzas.

Segundo relatório do Minfin, em relação aos acordos assinados com as empresas credoras, no âmbito da implementação da actual 'Estratégia de regularização de atrasados' (ERA), dos 21 acordos, 18 foram pagos integralmente com recurso a três modalidades de pagamento, nomeadamente Obrigações do Tesouro não reajustáveis (Ot-nr), um por compensação fiscal e três por combinação de compensação fiscal e Or-nr.

Por sector de actividade económica das empresas que receberam pagamentos de atrasados no trimestre em análise, o destaque recai sobre as de construção civil, com 37% do valor total pago, as companhias do sector das águas e electricidade, com 36%, e as empresas de consultoria e fiscalização, com 11%.

Os dados indicam que, em Março de 2020, foram pagos acordos em títulos no montante global de 38.666 milhões de kwanzas e os bancos que mais receberam depósitos de títulos dos seus clientes foram o BAI, BIR e o BPC, com 24,17 mil milhões de kwanzas, 3,958 mil milhões de kwanzas e 3,360 mil milhões kwanzas, respectivamente.

Por restrições de tesouraria, "provocadas pela pandemia da covid-19 e da conjuntura económica, o Governo teve de abrandar o ritmo da eliminação dos atrasados internos que estavam previstos para serem regularizados", de acordo com o Minfin que explica ainda que "no Decreto Presidencial nº 96/20, o Executivo suspendeu a componente de pagamentos em cash no âmbito da ERA não registados no Sigfe, subsistindo, assim, a regularização por via dos títulos do tesouro e compensações fiscais".

ATRASADOS NÃO REGISTADOS

O Governo prevê, para o segundo trimestre de 2021, eliminar atrasados da dívida pública na ordem de 110 mil milhões de kwanzas, regularização que está em linha com as metas do Fundo Monetário Internacional (FMI), conforme esclarece o relatório das Finanças. Mas, ao mesmo tempo, o pelouro de Vera Daves antecipa "fortes restrições no decorrer do ano", que poderão afectar "o ritmo de pagamentos de atrasados", acabando por "ser menor nos dois últimos trimestres do ano".

Ate ao fim do ano, as restrições nos pagamentos deverão incidir também sobre a regularização de atrasados não registados na ordem dos 250 mil milhões de kwanzas referentes a 2020.

O Minfin refere que, "não obstante o esforço para reduzir e eliminar os atrasados até 2021, continua empenhado na melhoria dos instrumentos institucionais, tecnológicos, legais e sancionatórios para evitar a ocorrência de novos atrasados, ou, se existirem, que estejam devidamente registados e controlados no Sigfe".

TERMINAL DA BARRA DO DANDE

Despachos de Dezembro sinalizaram ruptura com xeique árabe

Quando, em Dezembro, o Presidente da República aprovou os investimentos para o projeto do Terminal Oceânico da Barra do Dande, já era do conhecimento das autoridades que as negociações para a realização do mesmo estavam praticamente interrompidas por falta de entendimento com o xeique Ahmed Dalmook Al-Maktoum, do Dubai, baseando-se nas explicações do ministro dos Recursos Minerais e Petróleo.

Dois despachos do Presidente João Lourenço mencionaram, em Dezembro de 2020, um total de 751,9 milhões de dólares para o terminal, 700 milhões dos quais para a contratação da "empreitada de construção e respectivo financiamento do projecto" e cerca de 49 milhões de dólares para a "aquisição de serviços de fiscalização da empreitada de construção". Ambos constavam de um despacho de 1 de Dezembro. Depois, a 15 de Dezembro, João Lourenço aprovou 2.356 milhões de kwanzas (2,9 milhões de dólares na altura), dos quais 496 milhões de kwanzas para a contratação do estudo de viabilidade do projecto e 1.860 milhões de kwanzas para a manutenção e conservação das infra-estruturas existentes no referido terminal.

Por altura destes despachos, a julgar pelos esclarecimentos do ministro dos Recursos Naturais e Petróleos, estava tomada a decisão de não se avançar pela celebração do contrato com o xeique árabe, com o qual a Sonangol havia assinado um memorando em 2019.

"O memorando de entendimento não é um contrato, é um documento de intenção que pode ser transformado num contrato, num instrumento jurídico mais forte, ou não. Neste caso, ficámos pelo memorando e, após algum tempo de trabalho, achámos que não havia condições para avançar com o projeto porque não houve entendimento", afirmou na semana passada o ministro Recursos Minerais e Petróleo, Diamantino de Azevedo, acrescentando que o Governo está à procura de alternativas para levar o projecto adiante.

O presidente da Sonangol, Gaspar Martins, fez questão de sublinhar que "o projecto não parou" e que a relação com o então pontencial parceiro árabe "terminou de forma amigável", salientando que o xeique tem outros investimentos em curso em Angola.

"Fizemos os esclarecimentos necessários e estamos a fazer a continuidade do projecto. Entendemos que as condições em que se pretendia cooperar connosco não eram as mais adequadas", justificou. O VALOR tentou obter esclarecimentos junto dos serviços de imprensa da Presidência da República, para aferir as circunstâncias da assinatura dos despachos de Dezembro, uma vez que tudo indica que nesta altura as autoridades já tinham conhecimento do rompimento do memorando. Até ao fecho, entretanto, não obtivemos resposta

BIC AGRO

15 anos

PRODUZIMOS JUNTOS, CRESCEMOS JUNTOS.

O **Banco BIC** está ao seu lado nas Pescas, na Pecuária e na Agricultura.

Prazo Máximo de Financiamento: de 2 anos (24 meses) a 8 anos (96 meses).
Garantia Pública: até 75% do valor do capital financiado.

LINHA DE ATENDIMENTO BIC
+(244) 923 190 870
Serviço disponível 24H

www.bancobic.ao

BancoBIC
Crescemos Juntos

Mercados & Negócios

IMPORTAÇÃO DE GASÓLEO E GASOLINA

Sonangol 'interrompe' concurso em 2020

PETRÓLEO. Sonangol justifica o interregno dos concursos com o impacto da pandemia. Processo para a realização do próximo, que deve entrar em vigor em Junho, já está em curso.

Por César Silveira

A Sonangol não realizou, em 2020, o concurso público para a escolha das empresas importadoras de gasóleo e gasolina e justifica a situação com a falta de "perspectiva de disponibilidade de linhas de crédito na magnitude que as importações requerem" devido à pandemia da covid-19.

Sem a realização do concurso público no exercício passado, as empresas vencedoras de 2019 e cujo contrato, de duração de um ano, terminaria em Junho de 2020 continuam a ser as responsáveis pela importação dos produtos. A Trafigura (gasóleo e gasóleo marinho) e a Totsa- Total Oil Trading (gasolina) foram anunciadas como vencedoras em Maio de 2019.

"A extensão, figura contratual prevista nos contratos com a Trafigura e a Totsa e que pode ser accionada sempre que as condições o justifiquem, representou, no contexto vivido em 2020, a alternativa estratégica viável para a Sonangol, considerando que o impacto da pandemia da covid-19 determinou que não houvesse perspectiva de disponibilidade de linhas de crédito na magnitude que as nossas importações requerem. Por este facto, não foi efectuado o concurso para o fornecimento de combustíveis em 2020", precisou a petrolífera, em resposta ao VALOR.

Assim, acrescenta a Sonangol, "os contratos alvo de extensão estão a ser implementados normalmente, uma vez que expiram apenas em Junho de 2021, tendo-se já dado início ao processo para a realização do próximo concurso público para fornecimento de combustíveis".

MEMORIZE

- **Trafigura** deteve o monopólio do negócio durante anos e, em 2015, passou a dividir com a britânica Vitol. Ambas perderam o negócio em 2018, mas, em 2019, a Trafigura voltou a ser a escolhida para a importação do gasóleo e gasóleo marinho.

UMA DAS BANDEIRAS DO COMBATE AO MONOPÓLIO

Durante anos, a Trafigura, empresa ligada a Leopoldino do Nascimento, deteve o monopólio do negócio, mas em 2015 a companhia da britânica Vitol passou a ser a responsável pela importação da gasolina. Em 2018, entretanto, as duas companhias perderam o negócio na sequência do concurso público realizado pelo Governo, uma das principais bandeiras então hasteadas para demonstrar a intenção do Governo de combater os monopólios. Foram contratadas, para um período de um ano, a Glencore Energy UK, para fornecimento de gasóleo e de gasóleo de marinha, e a Totsa Total Oil Trading, para o fornecimento de gasolina. No entanto, em Maio de 2019, a Trafigura é reposta na importação do gasóleo e gasóleo marinho, substituindo a Glencore Energy UK, enquanto a Totsa- Total Oil Trading se manteve como a eleita para a importação da gasolina.

NO CENTRO-SUL

Correios de Angola sobe arrecadação de receitas

As receitas dos Correios de Angola, na região Centro Sul, cresceram 27% para os 24,2 milhões de kwanzas, no ano passado, avançou o director regional da empresa, Jorge Baião, que justifica o aumento com a "importância atribuída a estes serviços", em consequência das medidas de restrição impostas pela covid-19.

Os valores foram arrecadados com os emolumentos, impressão de documentos, aluguer de caixas postais e com o uso de internet por pessoas singulares e colectivas.

O Huambo, com 68% do total de receitas, é a província que mais arrecadou, seguida do Kwanza-Sul, com 25%, Bié (4%) e Kuando-Kubango, com 3%.

Segundo o responsável regional, as principais dificuldades da empresa, além da insuficiência de recursos humanos, num total de 72 para quatro províncias, estão relacionadas com as restrições no fornecimento de energia eléctrica e no abastecimento de água potável. Os Correios de Angola contam, na região, com 11 estações em funcionamento, sendo quatro do Huambo e igual número no Kwanza-Sul.

EMPRESÁRIOS turcos reiteraram o interesse em investir na indústria têxtil na sequência de uma parceira com a angolana Alaide Têxtil, através da Câmara de Comércio Angola-Turquia

DONOS DA MARCA 'PRECIOSA' PLANEAVAM EXPORTAR

Crise desencoraja investimento de 10 milhões USD em água

INDÚSTRIA. Empresário garante que não se sente "confortável" para fazer novos investimentos e teme por falência da unidade que está localizada na Huíla e produz oito mil garrafas por hora.

Por Guilherme Francisco

Os accionistas da fábrica produtora da marca de água Preciosa, detida pelo grupo 'O Regente', estão com receio de concretizar um investimento de nove a 10 milhões de dólares, que visa aumentar a produção e, sequencialmente, exportar para o mercado árabe, devido ao "mau ambiente económico em Angola".

Apesar de garantir a existência de condições financeiras e técnicas, Valdemar Ribeiro, director-geral, explica que os receios provocados pelo actual momento impossibilitam o investimento numa nova linha de produção com uma capacidade três vezes mais do que a actual (oito mil garrafas por hora). "Investir numa economia como a nossa é um grande risco, porque depois vamos produzir e endividar-nos. O BDA não está muito interessado em novos investimentos, porque sabe que há muitos riscos", assinala, insistindo não haver "motivação nenhuma" para novos investimentos. "Preferimos estar em compasso de espera. O mercado da SADC deixou de ser atractivo, temos o mercado árabe que gosta de pagar pela qualidade. O nosso foco para a expansão seria o mercado árabe. Temos de ter um produto não só com grande qualidade mas também diversificado. Como não estamos a fazer investimentos, não vamos poder aumentar a produção nem diversificar os produtos para, em condições, entrar no mercado árabe.", explica.

10

Milhões de dólares, investimento previsto para aumentar a produção, mas que aguarda por momento melhor

A redução do poder de compra é outro problema com que se debate a fábrica que adquire cerca de 85% da matéria-prima internamente "a preços altos em relação ao exterior". Fruto disso, refere, foram obrigados a reduzir 60% da produção, além de suspenderem alguns contratos com os funcionários. E, face ao cenário económico, o empresário não acredita num regresso imediato dos que foram a casa, já que, nos últimos anos, a "luta tremenda" tem sido a redução das vendas, motivada pela desvalorização do kwanza.

"Quando investimos é para vender, se a população não tem poder de compra não vamos vender. Corremos o risco de falir e o banco tomar o nosso negócio", justifica-se, questionando-se de imediato: "O que adianta produzir e diversificar mais, se depois não vendemos mesmo tendo grande qualidade?".

Outra dor de cabeça de Valdemar Ribeiro é a taxa dos impostos "excessiva" e que assim contribui "grandemente para a redução dos clientes", pelo que defende a "retirada urgente" do IVA na água. "A água é um bem essencial, não de luxo, diferente da cerveja ou gasosa. O Governo taxou a 14%, quem paga é o cidadão, este deixou de comprar. Não é uma ideia lógica de o Governo taxar a água com IVA de 14% nem de 5 ou 10%. A água deve ser um produto livre", advoga.

O empresário não vê a necessidade de o país mergulhar numa crise sem precedentes, deixando os cidadãos sem poder de compra quando dispõe de "um potencial natural enorme".

CONTAS DE 2020

Vendas da Shoprite caem 29%

O grupo de supermercados sul-africanos avança, em relatório, que o negócio em Angola apresentou, em 2020, um "equilíbrio constante" nas vendas na ordem de 1,2% inferior face a 2019, o que traduz uma queda de 29,1% nas vendas globais. A crise motivada pela covid-19, a inflação e a consequente desvalorização do kwanza estiveram na origem do declínio, segundo a cadeia de supermercados. Apontando a disponibilidade em dólares americanos no mercado, para garantir os níveis de reserva, o grupo observa, no entanto, que a oferta "permanece ainda restrita".

Sobre as contas com a alta de preços, a Shoprite calcula que "o ajuste de hiperinflação cumulativa resultou num aumento de 1,7 mil milhões de rands (72,9 mil milhões de kwanzas), contra os 2,7 mil milhões em 2019 (115,8 mil milhões de kwanzas), em activos imobilizados, que tiveram um forte impacto, principalmente no portfólio das propriedades das operações do grupo no mercado nacional".

O relatório do 'gigante' sul-africano refere que "o dinheiro em moeda nacional e os depósitos de curto prazo estão sujeitos a onerosos regulamentos de controlo cambial local". Em função disso, acrescenta, "o grupo está a utilizar o dinheiro em caixa para o comércio local e investiu o seu excedente em Obrigações do Tesouro, bem como em Bilhetes do tesouro, como parte da sua estratégia de cobertura contra uma possível desvalorização futura. Os títulos públicos no valor de 2,4 mil milhões de rands (103 mil milhões de kwanzas) têm vencimento nos próximos 12 meses e o objectivo passará por reinvestir em instrumentos financeiros mais rentáveis.

Em 2020, a Shoprite registou ganhos cambiais no valor de 566,4 milhões de rands (24,3 mil milhões de kwanzas).

DE JURE

TRUMP É ACUSADO DE INCITAMENTO A DISTÚRBIOS NO CAPITÓLIO

Julgamento de destituição deve começar hoje

IMPEACHMENT. Depois de mais de 230 democratas e 10 republicanos terem votado a favor, Donald Trump tornou-se no primeiro presidente na história dos EUA a ser alvo de dois processos de destituição.

A Câmara dos Representantes vai entregar no Senado, já esta segunda-feira, 25, a resolução de destituição do antigo presidente norte-americano.

A líder democrata da Câmara dos Representantes, Nancy Pelosi, planeia entregar a resolução de impeachment ao Senado nesta segunda-feira, o que dará início ao julgamento de Donald Trump. O antigo presidente norte-americano está acusado de incitamento à insurreição devido ao motim e distúrbios causados pelos apoiantes no Capitólio, a 6 de Janeiro.

O anúncio foi feito pelo líder democrata no Senado, Chuck Schumer, na sexta-feira, refere a Associated Press. "O Senado vai levar a cabo o julgamento de destituição de Donald Trump", disse, acrescentando que "será um julgamento completo e justo".

Embora a entrega da resolução dê início ao julgamento, a cronologia seguinte ainda não é conhecida em pormenor, mas a menos que os democratas, que assumiram o controlo do Senado, mudem as regras, o que significará que o julgamento de Trump começará esta próxima semana, amanhã, terça-feira.

O líder republicano no Senado, Mitch McConnell, disse querer adiar o julgamento político de Trump para Fevereiro, para dar tempo ao ex-presidente para preparar a defesa, mas os democratas na Câmara dos Representantes estão a pressionar para que o processo de 'impeachment' ocorra logo que seja possível.

MEMORIZE

- **Líder republicano** pretende adiar o julgamento para Fevereiro para dar tempo à Trump para preparar a defesa.

O líder da maioria democrata no Senado, Chuck Schumer, não aceita que o julgamento político de Trump seja adiado para meados de Fevereiro, mas já disse que está disponível para negociar com os republicanos um calendário que seja aceite por ambas as partes.

"Será em breve. Não penso que vá atrasar, mas temos que o fazer", disse Pelosi, na quinta-feira, defendendo que Trump merece "um cartão para ir para a cadeira".

Depois de mais de 230 democratas e 10 republicanos terem votado a favor, no passado dia 13 de Janeiro, Donald Trump tornou-se no primeiro presidente na história dos Estados Unidos a ser alvo de dois processos de destituição.

A líder democrata na Câmara dos Representantes, onde Trump viu aprovado o artigo de destituição, explicou que, neste processo de 'impeachment', e ao contrário do que sucedeu no primeiro, no início de 2020, o ex-presidente não será investigado por conversa privadas, mas por actos públicos cometidos pelos apoiantes, quando invadiram o Capitólio.

Trump já começou a montar uma equipa jurídica de defesa, contratando o advogado Butch Bowers para o representar, de acordo com assessores do ex-presidente.

Mário Mujetes © VE

EM REUNIÃO

Magistrados exigem regalias de volta

As direcções da Associação dos Juízes de Angola (AJA) e do Sindicato Nacional dos Magistrados do Ministério Público (SNMM) reúnem-se amanhã, terça-feira, em Luanda, para analisar as posições dos Conselhos Superior da Magistraturas Judicial e do Ministério Público em relação ao pedido de melhoria das condições dos seus associados.

A AJA e o SNMM pediram aos presidentes de ambos os conselhos, Joel Leonardo e Hélder Pita Grós, explicações sobre a retirada de regalias e referem que os que trabalham nos tribunais de primeira instância estão "numa situação de quase mendicidade". No entanto, de acordo com o jornal 'OPaís', somente Hélder Pita Grós respondeu ao Sindicato. Já a AJA não recebeu qualquer resposta por parte do juiz Joel Leonardo.

Segundo ainda o jornal, a AJA não recebeu sequer uma notificação de que o juiz presidente teria acusado a recepção da carta de interpelação, que deu entrada na Secretaria do CSMJ a 14 de Janeiro de 2021

Gestão

FORBES ASSEGURA

Isabel dos Santos fora do ranking mundial de bilionários

FALÊNCIA. Depois da cruzada de que se viu alvo desde que o pai, José Eduardo dos Santos, entregou o poder a João Lourenço, a 'mulher mais rica de África' deixou de o ser e enfrenta diferentes processos espoletados por Luanda e que congelam milhões dos seus activos em Angola, Portugal e Holanda.

Por Redação

O longo artigo da revista Forbes, que começa duvidando da possibilidade de recuperação da sua fortuna, termina com as palavras do professor de Oxford, Soares de Oliveira: "ela foi humilhada e só demonstra que nestes países autoritários o poder económico deriva do poder político e o inverso não acontece. A partir do momento em que se perde poder político, pode se ser apanhado. Está-se vulnerável em todo o mundo".

O artigo da revista que acompanha os multibilionários pelo mundo fora conta o percurso da engenheira que ficou conhecida como a princesa de Angola e estima que cerca de 1.6 mil milhões de USD dos seus activos estejam congelados, o que a retirar aos 2.2 mil milhões USD que a revista estimava no nome de Isabel dos Santos no início de 2020, traduzem-se na queda da lista dos Africanos mais ricos do mundo em 2021, que continua a ser liderada, pelo 10º ano consecutivo, pelo nigeriano Aliko Dangote.

Os congelamentos tiveram início em Dezembro de 2019 depois de o governo de João Lourenço levantar diferentes acusações, primeiro sobre pagamentos feitos a partir da Sonangol já depois de ser exonerada da petrolífera para onde tinha sido nomeada em junho de 2016, e depois sobre a falta de pagamento de um empréstimo que serviu para a compra de acções na portuguesa Galp.

Isabel dos Santos, que mantem que as acusações que lhe são feitas pelo governo são falsas, defendeu-se dizendo que a administração da Sonangol que a substituiu declinou receber o pagamento pelo qual o Estado angolano reclama, no que seria um movimento concertado para ser parte do argumento para os processos movidos contra si.

Documentos revelados pelo Luanda Leaks atestam que o marido de Isabel dos Santos, Sindika Dokolo (que faleceu, entretanto, num acidente de mergulho) pagou desde 2006 apenas 15 milhões de USD pelo empréstimo em que a petrolífera reclama mais 75 milhões. No entanto, a acção movida pelo Estado reclama mais de 1.1 mil milhões em perdas que diz causadas pelo casal e levou ao congelamento de contas, confisco de acções e activos estimados em mais de 300 milhões em Angola. Em Portugal a angolana viu congeladas contas, nacionalizada a Efacec (que vale cerca de 225 milhões) e congeladas a suas acções no valor de cerca de 500 milhões na Nos, empresa de telecomunicações, sendo que a que fundou em Angola, a Unitel e cuja participação de 25% também está congelada e nas mãos do governo, processou Isabel dos Santos em Londres reclamando 430 milhões de USD. Na Holanda o tribunal congelou activos da Exem Energy que detém a participação na Galp, que é estimada em cerca de 500 milhões de USD.

O professor Soares de Oliveira aponta o contraste evidente: "alguns dos maiores bandidos parecem ter feito um acordo de cavalheiros com o presidente angolano Lourenço e estão a ser deixados em paz".

A queda da ex-mulher mais rica de África, acelerada e incontestavelmente destrutiva continua a motivar manchetes dos títulos de especialidade um pouco por todo o mundo.

1,6

Mil milhões USD, valor dos activos de Isabel dos Santos congelados, segundo a Forbes.

(In)formalizando

Mário Mujetes © VE

DESEMPREGO OBRIGA A PROCURAR ALTERNATIVAS

Venda de plantas floresce nas ruas de Luanda

SUBSISTÊNCIA. Começa-se com quase nada, exige somente esforço acrescido e muita resiliência porque não se tem grandes margens de lucros. Vendedores enfrentam perigos da rua, mas conseguem, pelo menos, sustentar-se.

Por Guilherme Francisco

Cresce o número de vendedores de plantas nas ruas de Luanda, com destaque para a Avenida Fidel de Castro, tida como das mais movimentadas, em maior número, onde se perfilam em barracas, bancadas e não só. A presença também é notável na via que liga o Camama ao Kilamba e em alguns pontos da avenida Deolinda Rodrigues. Crianças e adultos, independentemente do género, lançam-se numa luta frenética pela sobrevivência tão logo surja uma viatura a ameaçar parar.

Os preços das plantas começam nos 500 kwanzas, variam de acordo com tipo de planta e o tamanho. Geralmente, os vendedores encontram as sementes, algumas já a brotar, em zonas pantanosas e passagens naturais das águas (valas) em Viana, Cacuaco e Belas, quando a areia é retirada em diferentes locais sem constituir qualquer custo.

Jardineiro de profissão, Quartin Domingos percorre várias valas, lixeiras e mercados informais à procura de sementes ou plantas em crescimento para vender perto do viaduto dos Congolenses, no Rangel. Sem emprego desde o surgimento da pandemia da covid-19, tem agora a venda de plantas como a única fonte de sustento. Só que, conta, nem sempre há clientes: "Às vezes chego a levar 500 kwanzas por dia para a casa. É pouco, mas dá para comprar pão e água, é por esse motivo que não desisto", conta.

Apesar de arranjar algum sustento, o jovem, proveniente do Kwanza-Sul, viu o seu rendimento baixar significativamente nos últimos tempos por causa do aumento de vendedores. E vai vendo tantos outros colegas a optar por percorrer as diferentes artérias do centro da cidade com banheiras sobre a cabeça.

À semelhança de Quartin Domingos, Feliciano Manuel, tem a venda de plantas como fonte de sobrevivência desde que decidiu trocar o Uíge pela capital, há três anos. Nos dias que trata de "sendo de Deus", vende, em média, 20 a 25 mil kwanzas, na Via Expressa. Entre as mais vendidas destaca a beijo de mulato, a 500 kwanzas, palmeira cica de médio porte, a 15 mil, e as de fruta, principalmente laranjeira, por 500 kwanzas.

A principal dificuldade é o acesso à água para regar diariamente as plantas. É forçado a atravessar a perigosa estrada para tirar água na bacia de retenção próxima ao Instituto Superior da Polícia Nacional numa distância de quase 800 metros. Explica que a diversidade de plantas é garantida por um grupo de jovens que as procuram em diferentes pontos. Ele cuida delas até fazer surgirem outras. Confessa, no entanto, não ter enormes despesas "a não ser na manutenção do viveiro" improvisado.

Leire Manuel, de 23 anos, também encontrou forma de fintar o desemprego. Juntamente com alguns amigos, dedica-se, há três meses, a vender espécies mais procuradas pelos angolanos, sobretudo os de renda média e alta. "É preferível vender aqui na Via Expressa porque está próxima de muitos condomínios. Sempre temos pessoas interessadas a comprar, até em jeito de reserva, pagam o dobro", assegura.

Ao contrário dos restantes vendedores, compra habitualmente as plantas numa quinta situada no Kikuxi no valor máximo de 400 kwanzas. Faz questão de as tratar com insecticidas, de forma a evitar agentes agressores, bem como usa areia preta, adquirida a 500 kwanzas o saco de 25 quilos. Tem como estratégias a maximização dos clientes e a utilização de vasos inusitados. O que lhe permite um rendimento diário entre os 20 e os 40 mil kwanzas.

DELINQUENTES CAUSAM PREJUÍZOS

Os vendedores, ao longo da Via Expressa, debatem-se com os constantes roubos. Pela quantidade de plantas colocadas no local, muitos preferem não se retirarem porque, justificam, implica mais gastos com o aluguer de viatura para o transporte. Nas zonas em que não existem empresas próximas, alguns preferem não arriscar.

"Os que teimosamente não levam à casa ou num local próximo onde tenha segurança, na maioria das vezes não encontra a quantidade deixada no dia anterior. Em muitos casos, podem não encontrar mais todo o negócio", conta Elizabeth João.

Quando não se quer roubos, vendedores, como Leire Manuel, são obrigados a pagar diariamente entre 500 a mil kwanzas a segurança de empresas privadas que estão colocados ao redor. Outros vendedores preferen posicionar o negócio perto de empresas ou espaços que disponham de seguranças.

Taça Cheia

96.1 fm

Rádio Essencial

Todos os sábados, às 19:00, com

Sebastião Vemba

Opiniões

No que devem as Empresas investir após a covid-19?

Helga Piçarra, Senior EY, people advisory services

Se até ao final da última década as análises debatidas centravam-se na 4.ª Revolução Industrial e nos pequenos passos que estavam a ser dados ao nível do desenvolvimento de tecnologias como Data Analytics, Blockchain, Artificial Intelligence, Robotics Process Automatation, Internet of Things, etc., covid-19, veio então dar um empurrão para a aplicação urgente e permanente destes conceitos nos quatro cantos do mundo, com o desafio acrescido do distanciamento social.

O isolamento social – medida de prevenção mais eficaz para a propagação da pandemia – está a ter um forte impacto sobre a economia mundial. Os governos preocupam-se em criar medidas reguladoras para proteger a economia e garantir o bem-estar e segurança da população no geral, e simultaneamente as empresas procuram implementar mecanismos que facilitem o trabalho dos seus Colaboradores para que possam continuar a exercer as suas funções com o menor impacto. Especialmente em realidades onde a economia é mais debilitada, e precisa de se proteger de uma maneira mais eficiente para evitar um colapso. Uma das soluções mais eficazes, que as empresas têm adoptado é o famoso, e até a pouco tempo tão distante "teletrabalho", que até a pouco tempo era uma realidade apenas para empresas de sectores específicos.

Mas, para que este novo formato dê resultados positivos, é imperativo que as Empresas possam investir em pequenas "grandes" mudanças no quotidiano dos Colaboradores e alterem a forma de trabalhar. E este investimento é essencialmente nas suas Pessoas, e pode ser feito através de:

1. A confiança entre o Empregador e o Colaborador precisa de ser conquistada. Esta confiança só será desenvolvida se as Empresas gradualmente forem desenvolvendo as condições necessárias para aumentar os níveis de compromisso dos Colaboradores – políticas de RH promotoras da inclusão, diversidade de culturas e igualdade de género, formação adequada e à medida das necessidades da empresa e que primam pelo desenvolvimento do colaborador, mobilidade entre as diversas áreas. Estas são apenas algumas medidas que podem ser adoptadas para que o colaborador se sinta respeitado e valorizado, para então assumir um compromisso sério com a Empresa e ter atitudes de confiança para com o empregador.
2. As competências comportamentais também devem ser fortalecidas. É necessária uma boa dose de inteligência emocional, disciplina, resiliência e até sentido de humor para poder navegar por estes novos mares e ainda assim ser capaz de promover a liderança – quer colectiva como individual, a delegação e monotorização constante do trabalho, para assegurar a realização das tarefas.
3. Comunicação. Uma vez que o mundo está cada vez mais digital, vão se desenvolvendo novas ferramentas de comunicação que permitem a colaboração e alinhamento entre as equipas. O Skype, MS Teams, Email, Whatsapp, Zoom, são alguns dos instrumentos já com milhares de utilizadores por todo o mundo não apenas a nível pessoal, mas no campo profissional também. Apesar de estas ferramentas serem um grande suporte na comunicação é importante estabelecer uma comunicação clara e aberta para que tanto líderes como liderados se sintam à vontade para partilhar dificuldades com impacto na sua motivação e no seu desempenho. Nos dias que correm, é imprescindível sermos capazes de comunicar de uma forma clara e objectiva, tanto verbalmente como através da escrita, para diferentes contextos, diferentes audiências e consequentemente diferentes plataformas.
4. A criatividade e a inovação são também essências nesta fase, dando oportunidade a conseguirmos ver "fora da caixa". Estimular o pensamento crítico, a criatividade e saber orientar e/ou interligar as diferentes estratégias sugeridas para resolução. de problemas são algumas das medidas que devem ser introduzidas.

Tudo começa com as pessoas. Através da criação de novas estratégias que estejam direcionadas no relacionamento a longo prazo entre a Empresa e o colaborador, será então mais fácil adaptar as pessoas a outro tipo de transformações.

Mas tudo isso só é possível se, primeiro, as pessoas dentro da organização estiverem alinhadas. Tudo isto só será possível se os Líderes estiverem dispostos a investir tempo para a construção da sua relação com os seus colaboradores.

O mundo pode emergir mais forte de suas crises interconectadas de saúde, económica e climática, mas o sucesso exige medidas ousadas, urgentes e perspicazes.

Como enfrentar a tripla crise dos países vulneráveis

Manish Bapna, Vice presidente do Instituto de Recursos Mundiais

Muhammad Musa, Membro da Comissão Global de Adaptação

O ano de 2020 mudou tudo. O mundo enfrenta agora crises interligadas de saúde, económicas e climáticas que não têm paralelo histórico. Estas ameaças convergentes afectam a todos, mas são especialmente devastadoras para os países em desenvolvimento que se encontram mais vulneráveis.

Estes países recebem relativamente pouco apoio público directo que possa criar resiliência às alterações climáticas. E a assistência ao desenvolvimento está a ser reduzida em vez de alargada. Tal como o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, mencionou na recente Cimeira da Ambição do Clima das Nações Unidas, os países desenvolvidos "não estão no caminho certo para cumprir o seu compromisso de fornecer 100 mil milhões de dólares por ano para apoiar os esforços climáticos dos países em desenvolvimento".

A comunidade internacional tem de mostrar agora solidariedade e ajudar os países vulneráveis a resistir às múltiplas ameaças que enfrentam. Fazer isso é do interesse de todos, porque os efeitos das alterações climáticas, a pandemia da covid-19 e os choques económicos não conhecem fronteiras.

Só em 2020, mais de 50 milhões de pessoas foram afectadas por desastres causados pelo clima enquanto enfrentavam a pandemia e a crise económica. De tufões e ciclones que atingiram cidades do sudeste asiático a severas secas que devastaram os agricultores africanos, as consequências foram graves. No final de 2021, a pandemia poderá levar mais 150 milhões de pessoas à pobreza extrema, a nível mundial.

Investigações da Comissão Global sobre Adaptação mostram que cada dólar investido em resiliência gera até 10 dólares em benefícios económicos líquidos. Esses gastos podem dar aos países vulneráveis um impulso económico urgente durante a crise da covid-19 e melhorar a vida das pessoas.

Muitos destes Estados, do Bangladesh às Fiji, já estão a criar resiliência às ameaças climáticas – mas precisam de mais apoio internacional para dar resposta ao desafio em toda a sua amplitude. Os líderes mundiais têm, portanto, de avançar, investindo mais, com antecedência e a nível

Embora os governantes tenham até agora mobilizado 13 biliões de dólares para a recuperação económica, apenas uma parcela muito modesta deste montante foi gasta por países em desenvolvimento de baixo rendimento. Estas economias foram capazes de atribuir apenas 2% do seu PIB em medidas de resposta e recuperação à covid-19, enquanto as economias mais ricas gastaram 8,8% do PIB, em média.

Enquanto isso, o custo de ajudar os países em desenvolvimento a adaptarem-se às alterações climáticas deverá atingir um valor estimado entre 140 e 300 mil milhões de dólares por ano, até 2030 – uma fracção do que foi gasto nos esforços globais de recuperação da covid-19.

Este não é o momento de os países ricos serem mesquinhos. A história tem mostrado que, quando surgem as crises, os governos podem fornecer mais recursos sem incitar a inflação. Após a crise financeira de 2008, por exemplo, países que intencionalmente incorreram em grandes défices orçamentais, como os EUA e a China, saíram-se melhor do que aqueles que cortaram as despesas. Muitos estudos confirmam este efeito económico positivo.

Além disso, quanto mais cedo a comunidade internacional agir, em melhor situação estaremos. Como a pandemia de covid-19 deixou bem claro, é melhor e menos dispendioso investir hoje na preparação do que esperar que a próxima crise irrompa. Os investimentos na resiliência podem mitigar perdas futuras provenientes de tempestades, inundações e secas, ao mesmo tempo que criam oportunidades económicas e aumentam o bem-estar social.

Por exemplo, tornar as infra-estruturas mais resistentes ao clima pode aumentar os custos iniciais de um projecto em cerca de 3%, mas dá um retorno de quatro vezes mais. Da mesma forma, investir em sistemas de alerta precoce pode salvar inúmeras vidas e recursos. Gastar 800 milhões de dólares nesses sistemas nos países em desenvolvimento poderia evitar perdas de três a 16 mil milhões de dólares por ano.

Bangladesh viu os benefícios de tal acção precoce em primeira mão. O país investiu pesadamente na melhoria dos sistemas de alerta precoce e resposta a desastres nas décadas seguintes ao Ciclone Bhola, que matou 300 mil pessoas em 1970. Embora cada morte resultante de um desastre natural seja uma tragédia, quando o Ciclone Amphan, uma tempestade de magnitude semelhante, atingiu o Bangladesh em Maio de 2020, o número de mortos foi de dezenas.

Por fim, ao implementar estes investimentos, os governos têm de garantir que o financiamento chegue à esfera local. As comunidades locais estão na linha da frente tanto da covid-19 como das crises climáticas, mas raramente têm voz nas intervenções que mais as afectam. O financiamento directo para actores locais e nacionais representou apenas 2,1% do total da assistência humanitária internacional em 2019.

Como outras medidas de resiliência, investir nas comunidades locais oferece vários benefícios além de apenas abordar os riscos climáticos. No Quénia, um programa governamental que visa empoderar os governos e as comunidades locais para fortalecer a resiliência climática deu às famílias maior acesso à água, maiores rendimentos e melhorou a segurança alimentar.

Existem muitas soluções para obter financiamento a nível local. Em 2019, a organização BRAC estabeleceu o Climate Bridge Fund, no Bangladesh, para ajudar as organizações sem fins lucrativos locais em comunidades afectadas pelas alterações climáticas a obterem maior acesso ao financiamento. O programa ajuda a realizar projectos de resiliência climática coordenados localmente – como a melhoria das infra-estruturas nos bairros da lata das cidades para resistirem a tempestades e inundações – que poderiam ser negligenciados em favor de iniciativas de maior perfil.

O mundo pode emergir mais forte das crises interligadas de saúde, económicas e climáticas, mas o sucesso exigirá medidas ousadas, urgentes e com visão de futuro. A próxima Cimeira de Adaptação ao Clima e a conferência climática COP26 de Novembro, em Glasgow, vão servir como importantes pontos de controlo para a comunidade internacional. Mas não podemos esperar até lá para avançar com as medidas de adaptação. Os líderes mundiais devem agir hoje para garantir uma recuperação duradoura e equitativa que apoie as populações mais vulneráveis.

Opiniões

E agora pergunto eu...

Geralda Embaló
Directora-Geral Adjunta

A actualidade internacional foi marcada pela saída de Donald Trump da Casa Branca pela porta de trás e prometendo voltar de alguma maneira e também pelos discursos do novo presidente americano, Joe Biden que promete unir e restituir os EUA à sua condição de superpotência mais respeitada e poderosa do mundo, coisa que me pergunto se será mesmo o melhor para todo o mundo... De resto a saída inglória de Trump é sobretudo uma derrota clara do populismo, da política divisionista, das estratégias demagogas que usam discursos do 'nós contra eles' que se refletem depois no tipo de retrocesso e descida às trevas civilizacionais que se viu no dia da invasão ao Capitólio por mascarados com cornos e sem camisa a entoarem cânticos de guerra.

São as mesmas estratégias políticas divisionistas do "nós somos os bons a combater os maus" que são marca do candidato mais polémico que apareceu na cena política portuguesa, André Ventura, evidente um oportunista politico que mereceu por isso mesmo o voto de quase meio milhão de portugueses que confiaram no discurso que manda pretos para as suas terras e promete correr com os ciganos... Faltas de caracter xenófobas e abjectas que aliás parecem ser cada vez mais características dos políticos em geral. Trump simbolizava os americanos de bem contra os mexicanos e os estrangeiros que invadem a América para roubar os postos de trabalho dos americanos e o Ventura diz que representa os portugueses de bem contra o sistema, ciganos que não querem trabalhar e estrangeiros que roubam Portugal... Foi apedrejado quando ia a caminho de um comício, teve sempre manifestações de protesto contra os seus discursos racistas, mas saiu-se bem nas urnas.

Não nos faltam exemplos de populismo e da estratégia dos vilões que temos que combater. Por aqui vemo-las há décadas e os políticos não se envergonham de lhes fazer recurso descarado.

O problema é que essas estratégias de marketing político que apostam no divisionismo e no populismo têm ganhos geralmente de curto prazo, porque as cobranças chegam tanto mais rápido, quanto são inflamados os discursos de incentivo ao ódio. É essa cobrança que explica que agora quando o MPLA fala em combate à corrupção, a primeira coisa que se lhe pergunta é "então e os vossos intocáveis, esses são corruptons bons"? Os que como escrevia a Forbes esta semana a propósito da queda de Isabel dos Santos da lista dos bilionários, "alguns dos piores mafiosos parecem ter feito um acordo de cavalheiros com o PR Lourenço e que são deixados em paz"? A expectativa que o dito combate criou com tanto discurso de aponta o criminoso de incentivo ao julgamento popular, ao ódio, à divisão foi tal, que a cobrança, a factura (a entrega dos amigos) é demasiado alta para pagar... Imagine o leitor que soltou um leão para perseguir o seu vizinho malandro, sem se lembrar, que uma vez solto, depois de engolir o vizinho o leão vai voltar a ter fome e depois vem atrás de quem o soltou, porque é um animal selvagem. Assim é o populismo e o divisionismo político como estratégias de marketing.

O problema é que essas estratégias de marketing político que apostam no divisionismo e no populismo têm ganhos geralmente de curto prazo, porque as cobranças chegam tanto mais rápido, quanto são inflamados os discursos de incentivo ao ódio.

O economista e deputado da CASA CE, Justino Pinto de Andrade, lembrou isso mesmo quando referiu que, entretanto, "o país fica adiado", e adiado continua enquanto os leões soltos decidem quem engolir a seguir, e enquanto quem os soltou vai pensando que os controla e dedicando tempo e energia a esse exercício infeliz e semeando cada vez mais discórdia e mais atraso. Ao ouvir o discurso de vitória de Marcelo Rebelo de Sousa só ocorre a sorte que é ter lideranças desassombradas, inteligentes, agregadoras, capazes de inspirar, principalmente em meio de crise...

Aqui, e a propósito de semear atraso, e agora pergunto eu, que maior prova de que o país anda adiado nessas operações de caça política do que a reportagem sobre a paralisação da única instituição do país que produz estatísticas que servem de base à política económica? O Valor Económico da semana passada contava como o Instituto Nacional de Estatística, uma instituição que como poucas em Angola ainda merecia a confiança das instituições internacionais e que produzia informação com base em números muitas vezes financiada por essas instituições, está a usar esses fundos para pagar despesas de operação porque não produz quase nada. Os técnicos vêm se envoltos em politiquices com os políticos a ditarem números com base nas suas preocupações populistas e com isso a deitarem por terra a confiança na informação produzida. Como é que os decisores tomam decisões sobre política económica se não têm números de confiança para se basearem? Será por isso que o governo anda por aí a aplaudir-se pela redução das importações como se fossem sinónimo de suprimento das necessidades pela produção interna? Não admira que os governantes andem por aí inchados a pensar que estão a fazer boa figura, porque por aqui os números podem ser 'batulados' como a idade dos jogadores de futebol, "a inflação é 30% epah isso fica mal, põe aí 15% ou 20"... Que confiança é possível que cidadãos, o próprio governo os investidores tenham num país que nem estatísticas consegue produzir em condições? Se não sabemos em que pé estamos, como saber onde vamos?

Outras histórias de intervenção do governo em domínios que não domina, como são as estatísticas, ou como é por exemplo a gestão de supermercados que tem sido desastrosa como também noticiado na semana passada pelo Expansão, que falava das prateleiras vazias no Kero, são mais atestados de fracasso dessas políticas populistas que são tão pouco racionais.

O Estado tem de se preocupar com o bem-estar dos cidadãos em vez de se preocupar com produzir heróis que combatem vilões, homens fortes tipo pai grande que já vimos com que rapidez podem passar de bestial a besta quando assim convém a alguém que mande. O Estado deve investir no que fica e no que dura. Nas instituições. Na saúde, na segurança, inclusive na alimentar, na educação... Populismos e divisionismos semeiam hoje as tempestades que vão colher amanhã. E o pior é que o país, como lembrou o deputado continua adiado.

As 'Cagadas de Luanda' precisam de ser tomadas pelo que são. Podem até [ser] uma boa ferramenta desde que seja bem usada. Só assim, iremos corrigir o que está mal e melhorar o que está bem.

Happy birthday, Luanda Leaks

António Vieira, ex-director da Cobalt Angola

Há um ano, acordámos com um estrangeirismo no ar. Acordámos com 'LUANDA LEAKS'.

A palavra 'leaks' fez-me lembrar o Julian Assange. Na ocasião, pensei: 'será que o fugitivo Assange se refugiou agora na embaixada de Angola em Londres'?

Mas não fui por aí. Optei por ver o significado da expressão. No meu inglês básico, verifiquei que 'leaks' em português queria dizer fugas, escapes, perdas e coisas semelhantes. Mas, como o inglês é uma língua traiçoeira e muito versátil, fui verificar o dicionário australiano por ser o Assange australiano. E para os australianos 'leaks' também pode estar relacionada com mijadas. E foi assim que despertei, traduzindo 'Luanda Leaks' por 'Mijadas de Luanda'. Mas aqui no meu Katinton 'mijadas' não bate: passei a referir-me ao assunto como 'Cagadas de Luanda'.

É evidente que, enquanto o Assange fez o seu trabalhinho por amor à liberdade e à transparência, o consórcio profissional que esteve por trás das 'Cagadas de Luanda' fê-lo por amor ao dinheiro, sendo o mais importante as razões de quem pôs o dinheiro à disposição. Um acto puro de mercenarismo de caneta. Ao longo deste pensamento, convém saber quem avançou com os fundos, quais os seus objectivos e qual o resultado do exercício. Sim, do exercício porque não foi muito mais do que isso.

Sobre quem avançou com o financiamento de tão ousada, extensiva, exaustante e messiânica manancial de recolha de informação, acredito ter sido quem para se limpar decidiu enlamear os seus comparsas no saque do erário. Para além disso, tinha de ser alguém carregado de dinheiro fácil e com amplas ligações aos sabichões e demais conhecedores dos corredores e vestíbulos obscuros por onde se escondem tantos e tais segredos de negócios, transacções e manipulações. Entre advogados, financeiros, políticos, especuladores e bajuladores tanto nacionais como estrangeiros, certamente houve alguns jornalistas de investigação a dobrarem a profissão com a de colectores de renda fácil. Acredito que este exercício não foi barato, pese o facto da nobre ideia de se exporem os nossos 'animais de estimação' (vulgo marimbondos) do antigo inquilino da cidade alta.

Quanto aos objectivos da cartada, ficámos mais baralhados do que nunca. Será porque o baralho de cartas estava demasiado viciado? Afinal de contas, parece-me que continuam a usar o mesmo baralho com as iniciais da Sonangol nas cartas vermelhas e da Endiama nas cartas pretas. Aparentemente, o objectivo foi acabar de amordaçar os moribundos, nem sequer importando enterrá-los vivos, para que esses coveiros, agora com o ar menos empoeirado, continuassem agarrados a carruagem das verdes. Como as cartas estavam viciadas, houve a necessidade de alguma actuação nos bastidores por parte dos 'donos' da lei e, mesmo aí, cedo se aperceberam que tinham de ser muito cuidadosos para não serem arrastados pelos afluentes da corrente. Certamente que o objectivo era retirar de alguns ilustres o que lhes restava de brilho mesmo que com isso arrastassem o partido para o pantanal, esse pantanal que só tem inquilinos das mesmas cores. Só que esse objectivo de repente se tornou nublado, uma vez que do outro pantanal surgiram requisições e exigências que não estavam previstas no objectivo preliminar. Uma vez mais, no nosso melhor, o estudo, 'a priori', foi mal feito e de repente os donos do objectivo começaram a sorver do seu próprio veneno.

Porém, o pior de tudo isso foi o resultado. Com as "Cagadas de Luanda" o kwanza perdeu cerca de 15% do seu valor transaccional em pouco mais de 30 dias. Os expostos contraíram-se ainda mais e instalaram muros de betão à volta dos muros electrificados. E começou o exercício de dar a quem não tem vocação nem sabe gerir 'assets' de difícil gestão. Este exercício veio, de uma vez por todas, matar o pouco que ainda ia funcionando. O executivo vigente que havia junto de entidades internacionais pronunciado a intenção de mérito, transparência, descentralização e desnacionalização de objectos controlados pelo Estado, num exercício de angariar simpatias e como tal colher os frutos resultantes dessa sementeira, viu-se obrigado a receber objectos privados que, apesar de obtidos sem mérito e sem transparência, numa centralização e quiçás nacionalização muito pouco racional. Exemplo disso é o assenhorar-seduma estação de televisão (ou dum supermercado) e colocá-la sob a gestão dum órgão do Estado obviamente sem essa vocação pronunciando-se no tribunal da liberdade contra a sua ideia original, ideia essa que teria sido um dia o objectivo da publicação dos arquivos confidenciais. Despiu-se o rei na rua e retiraram a catana da nossa bandeira para darem uma "catanada" a nossa intenção duma sociedade de mérito ao sabor duma democracia que, mesmo sem ser salgada, nunca poderia parecer insípida.

E é assim, nesse exercício de incompetência a coberto de interesses dos timoneiros da caravela que as 'Cagadas de Luanda' ganham a justeza do seu nome: foram simplesmente 'cagadas'. Com a publicação, onerosa como foi, em termos de corrupção em Angola quase nada mudou.

As 'Cagadas de Luanda' precisam de ser tomadas pelo que são. Podem até [ser] uma boa ferramenta desde que seja bem usada. Só assim, iremos corrigir o que está mal e melhorar o que está bem. E quem ganhará é o povo. O futuro promete.

Jornal Valor Económico

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te

Para receber o VALOR todas as semanas, basta enviar o seu e-mail para 941784791 / 2

Contribua para manter o jornalismo de qualidade.

GEM Angola Global Media, Lda

Iban: 0051 0000 7172 9933 1512 7

Facebook/Comentários

O tema mais comentado da última edição do Valor Económico na página do Facebook foi da paralisação do Instituto Nacional de Estatística. Só este tema alcançou mais de 31 mil internautas com perto de 3 mil interacções que se juntaram às mais de vinte mil pessoas alcançadas pela capa do VE online. Os internatutas fizeram perguntas sugestões e realçaram a importância da instituição para a informação económica do país.

Jose Maria Coelho
Se há um organismo de suma importância na vida económica, social, e política de qualquer País, no nosso caso é o INE. Sem esse indicador ninguém sabe as quantas anda.

Gustavo Silva
Quando estudantes na Faculdade de Ciências Agrárias, o nosso professor de Estatística, de feliz memória, o cientista Fernando Augusto Branco Marcelino, dizia repetidas vezes: "Um país sem estatísticas fiáveis, não existe". Se o INE não funcionar e não for independente, qualquer informação relativa ao crescimento do país será duvidosa. Na dúvida, o investidor não avança.

Domingos Conceição Teta Dembo
Culpa das estratégias medíocres do ministério de tutela, com muito trabalho por se fazer vivem do ócio da mamadeira pública, antigamente a junta de povoamento e da Angola ultramarina tinha muito trabalho e foi eficiente na elaboração dos factores de equilíbrio e povoamento e usufruto território das cidades, vilas, vilarejos, aldeias e até fazendas as autoridades sabiam quantos eram, nascidos, falecidos e deambulantes e que faziam e onde residiam e para onde se estabeleceriam etc. contagem telemétrica da população e localização de hipotéticos forasteiros agora governação política dos guerrilheiros dos matagais só sabem gerenciar intrigada e desordem territorial por isso INE de Angola da era MPLA é uma mentira escondida nos orçamentos

Gerson Martins Luís
INE parado e seus colaboradores recebendo ordenados sem nada fazer, com origem dos contribuintes angolanos! Esta gente no poder tem que saber um pouquinho sobre Eficácia Gerencial, afim de jamais desperdiçar contribuições públicas com esta gestão de trungungu... Os colaboradores assalariados devem ser explorados na profundidades seus conhecimentos em prol do país e para o bem das populações....

Josemar Burity
Incompetência pura... Se até para contar os números da Covid19 estão a ir buscar estrangeiros, como é que a instituição vai fazer sentido!

Omambiky Mbiki
Acho que esse país está a ser mais roubado agora, tudo está a terminar mesmo com muito dinheiro que supostamente foi devolvido aos cofres do estado, estamos todos na lama

Licinio Bessa
É triste! Um edifício tão grande, bonito, luxuoso, enormes gastos para o Estado, e no final do dia, a gente descobre que não serve para NADA...

Muų FideliDade Davi
Aproveitem o momento para fazer auditoria antes de alocar outro valor. Assim quando isso acontecer de novo não teremos muito trabalho para descobrir para onde foi o dinheiro.

Jose Antonio Cebola Cebola
Para quem não está habituado a governar em ciência, para que servem as estatísticas?

Ricardo Cardoso
Angola é um país dos dirigentes irresponsáveis é uma lástima o que este país vive e vai viver daqui a mais anos...

Dias Siloa Pedro Ucuahamba
Tenho pena desta instituição, que gastou rios de dinheiro no censo de 2014 se a memória não me atraiçoa, e que deixaram um comprovativo com código de barras, e que se formos hoje fazer a leitura do mesmo nos computadores que supostamente tinham sido adquiridos com alta tecnologia, já não teremos de certeza acesso a dados nenhuns, porque duvido muito que existam... se existirem, definitivamente direi que tenho dirigentes e governos de grande categoria em Angola... Gostaria imenso que o grande Camilo Ceita, se pronunciasse sobre este assunto.

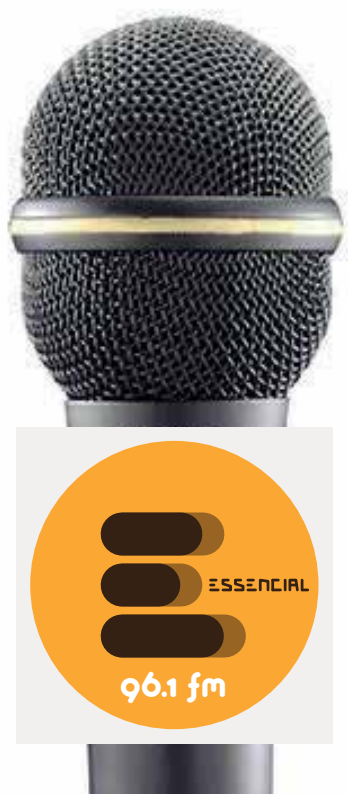
Jose Antonio Cebola Cebola
Enquanto lutam para pôr lá o próximo parasita, depois de terem conseguido desarticular de lá o longevo Camilo, as coisas não funcionam. O Kremlin vai apontar o próximo parasita. É só esperarem mais um pouco já já vai ser nomeado mais um candidato que vai ajudar a regredir o país. Infelizmente.

Os comentários são seleccionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico. Gralhas e discussões pessoalizadas são editadas para publicação.

Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

O QUE É ESSENCIAL NOS DIAS DE HOJE?

96.1 fm



Covid-19

CONTRA A COVID-19

Austrália aprova vacina da Pfizer mas sem emergência

A Austrália aprovou a vacina contra a covid-19 produzida pela Pfizer e as primeiras doses deverão ser administradas a partir do final de Fevereiro, anunciou o primeiro-ministro australiano.

Esta é a primeira vacina contra a covid-19 aprovada no país pela Administração de Bens Terapêuticos (TGA).

"Sublinho que esta não é uma aprovação de emergência como vimos em outros países", declarou Scott Morrison. "Trata-se de uma aprovação oficial no termo dos procedimentos regulares da TGA", acrescentou.

A Austrália encomendou dez milhões de doses à Pfizer, o que permitirá vacinar cinco milhões de pessoas, com prioridade para trabalhadores da área da saúde e idosos.

Morrison advertiu que a campanha de vacinação ia começar no final de Fevereiro e não em meados do mês, como tinha inicialmente prometido o Governo, devido às dificuldades logísticas da produção e da entrega de vacinas em todo o mundo.

O responsável indicou que a campanha deverá terminar em Outubro.

As autoridades australianas conseguiram travar uma propagação geral do novo coronavírus no território. Com 25 milhões de habitantes, a Austrália contabilizou cerca de 28.700 casos de covid-19 e 909 mortos desde o início da pandemia.

UM DOS LÍDERES QUE MINIMIZOU A PANDEMIA

Presidente do México diagnosticado com covid-19

O presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, de 67 anos, anunciou que está infectado com covid-19 e que se encontra a fazer "tratamento médico".

"Lamento informá-los que estou contagiado com a covid-19. Os sintomas são leves, mas estou a fazer tratamento médico. Como sempre, estou optimista. Vamos todos seguir em frente", informou o chefe de Estado na conta oficial da rede social Facebook.

López Obrador explicou que, durante os próximos dias, a secretária de Governação, Olga Sánchez Cordero, vai substituí-lo nas conferências de imprensa matutinas diárias.

O chefe de Estado acrescentou que vai continuar a dar seguimento aos "assuntos públicos desde o Palácio Nacional", onde reside, e que mantém hoje uma conversa telefónica com o homólogo russo, Vladimir Putin, para abordar a vacina russa.

No fim-de-semana, López Obrador participou em cerimónias públicas junto de vários membros do governo e nunca usou máscara, uma vez que se nega a usá-la desde o início da pandemia. O México conta com um total de 1,7 milhões de infectados e 150 mil mortos.

Com estes números, o país continua a ser o quarto país do mundo com mais mortes por covid-19, depois dos Estados Unidos, Brasil e Índia, de acordo com a contagem da Universidade Johns Hopkins.

GESTÃO DA PANDEMIA

Protestos no Brasil contra Bolsonaro

Milhares de pessoas manifestaram-se em várias cidades brasileiras em protesto pelo atraso na campanha de vacinação contra a covid-19 e exigem a destituição do presidente Jair Bolsonaro devido à gestão da pandemia no país.

Respondendo ao apelo de partidos e organizações de esquerda, cerca de 500 veículos percorreram as principais avenidas da cidade de Brasília, exibindo 'slogans' como "vacinas para todos", "oxigénio", "Bolsonaro fora" ou "impeachment sim".

Os manifestantes também protestaram contra o fim da ajuda de emergência atribuída desde Abril até ao final de Dezembro a 68 milhões de brasileiros, quase um terço da população. Protestos semelhantes ocorreram em outras cidades do país, incluindo o Rio de Janeiro e São Paulo.

Jair Bolsonaro tem desvalorizado a gravidade da pandemia da covid-19, considerando tratar-se de uma "gripezinha", e questionou a necessidade do uso de máscara e a eficácia das vacinas contra o novo coronavírus.

A CHINA AUTORIZOU a exportação para o Brasil de 5 mil e 400 litros de ingredientes necessários para a produção da Coronavac, vacina contra a Covid-19 desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac, informou nesta segunda-feira o Presidente brasileiro, Jair Bolsonaro.

POR MAIS 30 DIAS

Decretado estado de calamidade na Guiné-Bissau

O presidente da Guiné-Bissau, Umaro Sissoco Embaló, decretou estado de calamidade por um período de 30 dias e avisou que a situação poderá ser alterada "a qualquer momento" se assim o exigir.

Segundo o diploma, a que a Lusa teve acesso, estão restritos alguns direitos, liberdades e garantias de todos os cidadãos nacionais e estrangeiros que se encontrem no território da Guiné-Bissau.

A medida, refere ainda o decreto presidencial de Umaro Sissoco Embaló, é a resposta do país perante o aumento de casos de infecção pela covid-19, perante a ameaça do surgimento de uma nova estirpe do vírus contra a qual o país não terá condições de lutar.

"Com o efeito, está cientificamente comprovado o surgimento de novas estirpes mais contagiosas e mortíferas, e a fraca capacidade da estrutura sanitária do país, como factores que não podem ser perdidos de vista nas decisões a serem tomadas de combate à covid-19", destaca o decreto presidencial.

O documento frisa ainda que perante a situação, as autoridades viram-se obrigadas a mudar o estado de alerta que vigorava desde Dezembro para retornar ao de calamidade à saúde pública que já tinha sido declarado entre Setembro e Dezembro de 2020.

Entre as medidas de restrições impostas agora com o novo estado de calamidade, figuram a obrigatoriedade de uso de máscaras faciais na via pública e nos serviços, apresentação de teste negativo à covid-19 na entrada ao país, proibição de desporto colectivo e de actividades sociais, políticas e religiosas com mais de 20 pessoas.

DEVIDO AO CONFINAMENTO

Polícia e manifestantes em confronto na Holanda

A polícia holandesa entrou em confronto com manifestantes que protestavam nas cidades de Amesterdão e Eindhoven contra o confinamento do país, um dia depois de jovens terem incendiado um centro de testes de despiste de covid-19.

Na capital Amesterdão, a polícia recorreu a canhões de água numa das principais praças da cidade para dispersar os manifestantes que participavam no protesto que não tinha sido autorizado pelas autoridades.

Também na cidade de Eindhoven, as autoridades policiais usaram um canhão de água e gás lacrimogéneo para dispersar as centenas de manifestantes, que incluía apoiantes do grupo de extrema-direita e anti-imigração PEGIDA.

A polícia de Eindhoven adiantou, ao final da tarde, ter feito pelo menos trinta detenções e alertou a população para não se deslocar para o centro da cidade, onde decorreram os confrontos. Não houve relatos de feridos.

TRÊS NAS DUAS ÚLTIMAS SEMANAS

Pandemia já matou quatro ministros no Zimbábue

O número de ministros do Zimbábue que morreu devido à pandemia de covid-19 subiu para quatro, três deles nas últimas duas semanas, informaram as autoridades deste país que faz fronteira com Moçambique.

"A pandemia não faz distinção, não há espectadores nem juízes, ninguém está mais a salvo que outros, não há super-homens nem super-mulheres, estamos todos expostos", disse o Presidente, Emmerson Mnangagwa, num discurso feito na televisão nacional, no qual anunciou a morte do ministro.

Na semana passada, Mnangagwa presidiu ao funeral de outro ministro, que se seguiu ao ministro dos Negócios Estrangeiros e dos Transportes, numa "colheita sangrenta" que levou também vários membros do Parlamento e mostra a aceleração dos contágios neste país, segundo relata a AP.

Os críticos do governo acusam o Executivo de estar a usar a pandemia como arma, ao deterem vários deputados da oposição e outros críticos, obrigando-os a estar em cadeias sobrelotadas onde a doença é facilmente transmitida.

Os críticos acusam também o Governo de negligenciar os hospitais públicos, onde muitos doentes com covid-19 não conseguem ter acesso ao oxigénio necessário para sobreviver, enquanto a elite usa os hospitais privados ou voa para fora do país em busca de melhor tratamento médico.

O Zimbábue, como muitas outras nações africanas, começou por ter números relativamente baixos de infecção mas está a registar uma aceleração significativa nas últimas semanas, havendo relatos que ligam este aumento ao regresso de muitos trabalhadores na África do Sul, de onde terão trazido a nova estirpe, mais contagiosa.

Marcas & Estilos

O presente perfeito

Este relógio da Avant Wood é cuidadosamente fabricado com madeira exótica e combina com um fecho borboleta no mesmo material fino. Todos os materiais naturais, projectados em torno de um movimento de quartzo japonês de alta qualidade, garantem um cronógrafo único para complementar o estilo. O presente perfeito para qualquer ocasião!

Sem stress nem preocupações

O copo oscilante balança de um lado para o outro, mas jamais tomba. As pedras de gelo especiais servem para enregelar a sua bebida, sem nunca a diluir. Este Rocking Tumbler faz do seu Scot um verdadeiro companheiro nos momentos de relaxe.

AUTOMÓVEL

Imparável até no deserto

Depois de mostrar conceitos, a Yamaha tem a versão final de produção da aguardada Ténéré 700. O modelo foi apresentado no Salão de Milão 2018 (Eicma), mas e chegou ao mercado mundial quando menos se esperava.

Inspirada nas competições de rali, a Ténére tem uma longa história na linha Yamaha, com modelos desde os anos 80. Alguns detalhes técnicos permaneceram como segredo durante muito tempo, como o motor da naked MT-09, com 2 cilindros e 689 cavalos.

AGENDA

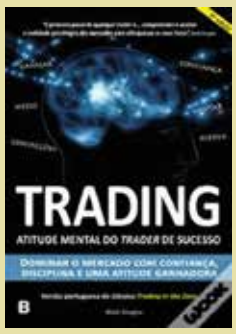
LUANDA

ATÉ 31 DE JANEIRO
Exposição 'Percurso da Pintura Angolana – Visita ao Acervo do Camões', composta por 37 obras seleccionadas do Acervo do Camões e realizadas por 19 artistas angolanos, pode ser visitada entre as 09h00 e as 12h00 e as 13h00 e as 15h00. Visitas limitadas.

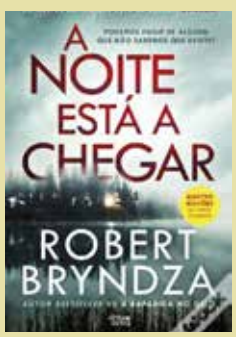
27 DE JANEIRO
Os humoristas Miro Vemba, Ladilson Manuel, Orlando Capata, Tiago Costa e CóluaTermura apresentam o espectáculo de humor 'Comboio de Humoristas – Bocas Sujas', no auditório do Horizonte Nzinga Mbandi, a partir das 20 horas. Ingressos a 2.000 kwanzas.

28 DE JANEIRO
O Igape realiza auscultação sobre a privatização de participações no sector de telecomunicações a decorrer via plataforma Zoom, às 10 horas. Para mais informações, consulte o site do Igape ou envie e-mail para propriv@igape.co.ao.

LIVROS



ESTE É UM CLÁSSICO da literatura sobre trading, traders, atitude mental e psicologia dos mercados que tem ajudado milhões de traders em todo o mundo a obterem ganhos consistentes.



QUANDO O CORPO DE UM JOVEM é encontrado a flutuar no reservatório de Shadow Sands, as autoridades classificam-no como um trágico acidente. Mas os detalhes não batem certo.

TURISMO

Um cenário romântico e histórico

A pequena e histórica cidade norte-americana no condado de Middlesex, em Massachusetts, próximo de Boston, preserva a arquitectura e muitas construções originais. Sudbury foi fundada em 1639.

O centro de Sudbury é muito tranquilo, perfeito para desfrutar das diversas atracções que oferece. Além de ser um passeio relaxante, pode ser uma escapada romântica perfeita. Sudbury serviu de cenário para o clássico americano de 1939 'E tudo o vento levou'.

O que não falta são pontos turísticos para aproveitar esse pequeno paraíso colonial histórico. Como se trata de um enorme complexo com jardins, campos, trilhas, lagos e cachoeiras fica fácil ter muitas opções de actividades, tais como caminhadas, pesca, pintura e desenho, passear pelo Jardim Longfellow, visitar o moinho TheGristMill, explorar as diversas trilhas ou simplesmente sentar-se para relaxar ou fazer um belo piquenique a beira do HopBrook.

Uma das opções é o ClamChowder ou sopa de amêijoas é feito com batatas, cebolas e creme de leite. Pode ser servido dentro de um pão ou directamente numatigela.

Ambiente

SEGUNDO UM ESTUDO

Perda de gelo cumpre "piores cenários"

A Terra perdeu 28 triliões de toneladas de gelo nas últimas décadas, o equivalente a uma camada de 100 metros de espessura a cobrir o Reino Unido, cumprindo os "piores cenários" científicos, indica um estudo.

Uma equipa de cientistas liderada pela Universidade de Leeds, no Reino Unido, procedeu a um levantamento da perda global de gelo utilizando dados de satélite e constatou que, nos últimos trinta anos, se verificou uma redução significativa com potenciais reflexos no aumento do nível do mar, que terá "impactos muito sérios nas comunidades costeiras neste século".

O estudo, que envolveu outras instituições de investigação e que foi publicado na revista científica The Cryosphere, concluiu que se registou um aumento de 65% na taxa de perda de gelo durante anos da pesquisa, verificando-se aumentos acentuados nas perdas dos mantos polares na Antárctica e na Groenlândia.

De acordo com o estudo, o aumento da temperatura atmosférica tem sido o principal factor para o declínio do gelo do Árctico e dos glaciares de montanhas em todo o mundo, enquanto o aumento da temperatura do oceano acelerou o derretimento da camada de gelo da Antárctica.

NOS ÚLTIMOS 20 ANOS, DIZ ONG

Desastres climáticos causaram 475 mil mortos

CATÁSTROFES. Segundo a ONG German Watch, são os países mais pobres que pagam o preço mais elevado pelas tempestades, inundações ou vagas de calor provocadas pelo aquecimento global.

Moçambique ocupa o primeiro lugar na lista dos países mais vulneráveis às alterações climáticas.

Quase meio milhão de pessoas morreu em desastres naturais relacionados com as alterações climáticas nos últimos 20 anos, de acordo com a organização não-governamental (ONG) German Watch, que considerou Moçambique o país mais vulnerável.

Segundo a ONG, que divulgou esta segunda-feira o Índice de Risco Climático Global, publicado anualmente, Moçambique ocupa o primeiro lugar na lista dos países mais vulneráveis às alterações climáticas, depois de ter sido afectado em 2019 (último ano analisado) por dois dos maiores ciclones que já se abateram sobre o país (Idai e Kenneth), que fizeram cerca de 700 mortos.

O Zimbábue, também afectado pelo ciclone Idai, ocupa o segundo lugar na lista de países com mais mortos e danos em 2019, estando o Maláui, igualmente vítima da tempestade tropical, em quinto lugar.

O Idai "converteu-se rapidamente no ciclone tropical mais mortífero e com maiores custos do sudoeste do Oceano Índico, causando danos económicos de 2.200 milhões de dólares" e provocando mil mortos naqueles três países, apontou a ONG.

As Bahamas (3.º) e o Japão (4.º) completam os cinco primeiros lugares do Índice de 2021, que elenca os países mais vulneráveis aos desastres naturais provocados pelas alterações climáticas.

Porto Rico, Myanmar (antiga Birmânia) e Haiti foram os três países mais afectados nos últimos 20 anos, seguidos das Filipinas (4.º) e Moçambique (5.º), numa lista que soma 475.000 mortes causadas por mais de 11.000 fenómenos meteorológicos extremos, registados entre 2000 e 2019 pela German Watch.

De acordo com o Índice Global de Risco Climático, desde o início do século as catástrofes naturais terão custado 2.560 mil milhões de dólares.

Segundo a ONG, são os países mais pobres que pagam o preço mais elevado pelas tempestades, inundações ou vagas de calor provocadas pelo aquecimento global.

"Os países pobres são mais afectados porque são mais vulneráveis aos efeitos devastadores dos perigos e têm menos capacidades para os ultrapassar", apontou Vera Keunzel, uma das autoras do relatório, à agência de notícias France Presse (AFP).

Países como o Haiti, Filipinas ou o Paquistão são atingidos por catástrofes climáticas com tanta frequência que não têm tempo para recuperar totalmente antes da seguinte, observou ainda.

Os países ricos tinham prometido aumentar a ajuda climática aos países em desenvolvimento para 100 mil milhões de dólares por ano a partir de 2020, o que ainda não foi cumprido.

Num relatório divulgado em meados de Janeiro, responsáveis do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA) afirmaram que há um défice significativo no financiamento global de medidas de adaptação.

MEMORIZE

- **Moçambique,** que ocupa o primeiro lugar na lista dos países mais vulneráveis às alterações climátericas, foi afectado em 2019 por dois dos maiores ciclones de sempre no país.

2.560

mil milhões de dólares, valor que terão as catástrofes naturais desde o início do século, de acordo com o Índice Global de Risco Climático.

NÚMEROS DA SEMANA

41%

Total das acções que a Endiama detém actualmente na Sociedade Mineira de Catoca com a conclusão da compra parcial da Odebrecht.

900

Milhões de kwanzas, valor com o qual o BDA vai financiar 18 cooperativas no Moxico, no âmbito do Programa de Alívio Económico.

52,7

Milhões de kwanzas, fundos que foram disponibilizados pelo Banco Mundial para a produção de sabão artesanal em 191 escolas no Uige.

15%

Declínio anual que a produção petrolífera regista, segundo o presidente do conselho de administração da Agência Nacional de Petróleo e Gás (ANPG), Paulino Jerónimo.

RELATÓRIO DA AFRICA NO FILTER

Agências internacionais dominam notícias nos países africanos

Um relatório da Africa No Filter, elaborado entre Setembro e Outubro de 2020, revelou que um terço das notícias e histórias africanas relatadas pelas agências noticiosas do continente é obtido através de serviços de notícias estrangeiros.

O relatório denominado 'How African Media Covers Africa' (Como é que os Meios de Comunicação Social Africanos Cobrem as Notícias de África) destaca o facto de as histórias sobre África continuarem a ser contadas através dos mesmos "estereótipos persistentes e negativos", com especial incidência nas questões relacionadas com a pobreza, a doença, os conflitos, a fraca capacidade de liderança e a corrupção.

Os principais resultados do estudo mostram que as fontes de obtenção de notícias nos países africanos são "problemáticas" e que os conteúdos resultantes continuam a alimentar antigos estereótipos, sendo que, frequentemente, a qualidade do jornalismo local não possibilita a existência de relatos contextualizados, com todas as nuances, fundamentais para contar o que se passa nos 54 países que compõem o território africano.

O estudo envolveu 38 editores africanos e analisou conteúdos de 60 agências noticiosas africanas de 15 países nomeadamente Botsuana, África do Sul, Zâmbia, Zimbábue, RDC, Egito, Tunísia, Tanzânia, Etiópia, Quénia, Ruanda, Uganda, Gana, Nigéria e Senegal.

Segundo os dados, 63% das agências noticiosas inquiridas não têm correspondentes noutros países africanos e um terço de toda a cobertura de notícias sobre África é proveniente de fontes não africanas. As histórias da AFP e da BBC representam um quarto de todas as histórias encontradas nas agências noticiosas africanas que falam sobre outros países africanos. O contributo das agências noticiosas africanas é mínimo. 81% das histórias foram classificadas como 'hard news' (notícias duras), ou seja, notícias sobre conflitos e crises decorrentes de certos eventos - além disso, na sua grande maioria, as notícias encontradas eram de natureza política. Cerca de 13% das notícias concentravam-se, especificamente, em situações de violência política, de agitação social e de conflitos armados.

A África do Sul e, a seguir, o Egito foram os países que apresentaram uma cobertura mais diversificada e não necessariamente associada a eventos noticiosos, o que significa que esses dois países são, provavelmente, os "mais conhecidos" do continente. A Africa No Filter é uma organização sem fins lucrativos que foi constituída o ano passado com o objectivo de ajudar a mudar as narrativas "prejudiciais e estereotipadas" sobre África, através de trabalhos de pesquisa, de iniciativas de defesa de interesses e da concessão de subsídios a quem conta as histórias.

Em resposta a este relatório, a Africa No Filter está a proceder ao lançamento da primeira e única agência de notícias do continente, que concentrará os esforços no tratamento de histórias sobre criatividade, inovação, arte e cultura e interesses humanos, a fim de preencher a lacuna que existe no mercado.

RECEITA DO EXERCÍCIO PASSADO

Casas de jogos com queda de 78%

As receitas arrecadadas com o Imposto Especial de Jogo (IEJ) registaram uma quebra de 78% o ano passado, comparando com o período homólogo de 2019.

Dados do Ministério das Finanças, a que o VALOR teve acesso, revelam que foram arrecadados 131,9 milhões de kwanzas em 2020, menos 456,9 milhões, face aos 588,8 milhões de kwanzas do exercício anterior.

A descida das receitas em pleno ano da pandemia da covid-19 inverte o crescimento que as casas de jogos de fortuna e azar vinham registando nos

últimos anos, apesar de ainda serem consideradas "irrisórias" as receitas, dada a potencialidade do sector.

Das 22 operadoras que constam dos dados do Instituto de Supervisão de Jogos (ISJ), apenas três fizeram pagamentos ao Estado, mas somente em alguns meses. A Casa de Jogos Rivas, a Mota, Tavares & Barros e a Primeira Aposta foram as aquelas que contribuíram para o valor arrecadado o ano passado, mas os registos indicam apenas entre um e três meses do ano.

RECEITAS IRRISÓRIAS

A maioria dos casinos que opera no país tem a contabilidade por organizar e os impostos por regularizar, anunciava, ainda em 2019, o ISJ. Na altura, o director-geral do ISJ, Tito Cambanje, considerou "irrisório" o valor anual arrecadado pelo Estado. "Os indicadores de pagamento de jogos são muito baixos, se olharmos para os valores que os jogadores têm gasto nas mais variadas casas de jogo", apontou.

Os operadores foram ainda acusados, num encontro que juntou vários responsáveis das Finanças, de não prestarem "informações fiáveis" sobre o impacto económico, financeiro e social, o que dificulta aferir o volume de negócios, a quantidade de empregos gerados e a contribuição para o PIB.